





# Arte



## Arte na Educação de Jovens e Adultos

---

*Arte para mim significa o espelho da vida, vista com outros olhos, por outros ângulos. É o sensibilizar com imagens que na maioria das vezes não conseguimos explicar. Arte é vida.*

*Depoimento de aluna da EJA*

**P**ara que serve a arte? O que significa? Que contribuições traz? Segundo o depoimento da aluna, significa “o espelho da vida”, o inexplicável, “vida”. Para alguns, a arte concretiza-se na música que gostam de ouvir, tocar ou cantar; na dança que os faz felizes; na personagem com a qual se identificam, em uma peça de teatro; na pintura, na produção plástica que elaboram; na imagem na qual seus olhos passeiam e os leva a dialogar com o que estão vendo; na fruição, na apreciação das manifestações artísticas de que gostam. Para outros, talvez signifique algo que não consigam expressar e talvez até não signifique nada. Pode ser ainda um pano de fundo dos espaços onde vivem, onde trabalham, assim como a música ambiente das lojas, ou os quadros que foram esquecidos na parede. Mas ela pode significar muito e ser a portadora de muitos conhecimentos e valores para os alunos, ampliando suas possibilidades de participação social e cultural de forma crítica, criadora e autônoma.

De todos os temas, tanto nas aulas como no Masp [Museu de Arte de São Paulo], o que mais gostei foi o impressionismo, em especial as pinturas de Claude Monet. Pois aquilo de querer capturar a luz do sol era bem coisa de mágico. E ele o fez como ninguém.

*Depoimento de aluna da EJA*

O que muda na área de Arte na EJA é a forma como o ensino e o aprendizado dessa disciplina acontecem. Por isso, é importante que os professores aperfeiçoem suas práticas pedagógicas e que, nos sistemas educacionais, os aspectos legislativos, organizacionais, espaciais e os recursos humanos e materiais sejam orientados no sentido de permitir que o ensino e a aprendizagem de arte ocorram da maneira adequada. Para tanto, é fundamental

a implementação de políticas de formação continuada de professores que trabalham na área, levando-os a ver que a Arte propicia um modo novo de compreender o mundo contemporâneo, de com ele se relacionar e nele se inserir, que ela estabelece uma nova ordem no contato com o mundo cultural, um novo olhar que pode ressignificar conceitos e práticas.

Na década de 90, associações de professores de Arte e grupos engajados na luta pela obrigatoriedade da disciplina na educação básica também faziam sua defesa enquanto área de conhecimento, empenhando-se em obter avanços no ensino e na aprendizagem de Arte nas escolas. Uma conquista importante ocorreu com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996), que estabeleceu:

O ensino de Arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos. (Art. 26, §2º)

Posteriormente, essa obrigatoriedade foi mais bem definida, a partir da Resolução CNE/CEB n.º 1, Art. 18, 5 jul. 2000:

Respeitando o Art. 5º desta resolução, os cursos de Educação de Jovens e Adultos que se destinam ao Ensino Fundamental deverão obedecer em seus componentes curriculares aos Arts. 26, 27, 28, 35 e 36 da LDB e às Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio.

Muitas ações se tornam, portanto, indispensáveis para que o ensino e a aprendizagem de Arte realmente se concretizem na educação de jovens e adultos. São também indispensáveis ações conjuntas entre os segmentos da educação básica e superior, mesmo porque a lei prevê ainda:

A educação superior tem por finalidade:

- I. estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo;
- II. formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua.

*LDBEN n.º 9.394/96, Art. 43*

Uma pergunta se coloca: será que a história do ensino de Arte na educação de jovens e adultos só pode ser considerada a partir do que estabelecem a Lei de Diretrizes e Bases e a resolução CNE/CEB? Ou o país tem muito mais a relatar e a registrar sobre a presença (ou não) da Arte nos cursos de educação de jovens e adultos?

A obrigatoriedade imposta pela legislação não basta. Há que se



caminhar para que a área de Arte seja trabalhada como área de conhecimento, com conteúdos próprios junto aos alunos da EJA, pela sua relevância no acesso aos bens culturais e na participação dos alunos na sociedade, por intermédio da arte.

Portanto, ao se refletir sobre o processo educativo, observa-se que as questões sociais da atualidade tratadas pelos temas transversais têm na Arte um campo privilegiado para seu desenvolvimento.

## Objetivos do ensino de Arte

Os objetivos gerais da área de Arte apresentados para a educação de jovens e adultos estão relacionados a seguir.

### **Experimentar e explorar as possibilidades de cada linguagem artística.**

É importante que o aluno da EJA, além de produzir e se desenvolver nas linguagens artísticas que já fazem parte da sua experiência de vida, entre em contato, experimente, explore e se desenvolva no aprofundamento de cada linguagem, que deverá ser considerada em sua extensão, ampliando seu repertório expressivo e sua capacidade de compreensão do mundo.

### **Compreender e utilizar a arte como linguagem, mantendo uma atitude de busca pessoal e/ou coletiva, articulando a percepção, a imaginação, a emoção, a investigação, a sensibilidade e a reflexão ao realizar e fruir produções artísticas.**

Encontrar canais de expressão e comunicação para idéias, sentimentos e vivências, desenvolvendo imaginação, percepção, pesquisa pessoal e/ou grupal, tendo a arte como linguagem, contribui no desenvolvimento afetivo, cognitivo, estético e artístico do aluno da EJA. Ampliando sua própria expressão, sua capacidade de argumentar e defender idéias, de organizar o pensamento, refletindo sobre a produção e a fruição de produtos artísticos, esse aluno terá na escola oportunidades de fazer leituras da realidade e de conhecer possibilidades diferenciadas de significá-la.

### **Experimentar e conhecer materiais, instrumentos e procedimentos artísticos diversos em Arte (artes visuais, dança, música, teatro), de modo a utilizá-los em trabalhos pessoais, identificá-los e interpretá-los na apreciação e contextualizá-los culturalmente.**

O aluno da EJA precisa ter acesso a procedimentos artísticos variados, à experimentação e exploração de diferentes materiais e instrumentos, principalmente àqueles mais contemporâneos que não fazem parte de seu

cotidiano – como por exemplo a informatização nas aulas de Arte e a utilização de multimeios. Muitas vezes é apenas por intermédio da escola que esse aluno tem oportunidade de conhecer, interagir e produzir artisticamente com esses recursos, executando trabalhos, apreciando e fazendo contextualizações da produção cultural e histórica no tempo e no espaço.

**Construir uma relação de autoconfiança com a produção artística pessoal e o conhecimento estético, respeitando a própria produção e a dos colegas, sabendo receber e elaborar críticas.**

Num primeiro momento, ao realizar trabalhos na aula de Arte, o aluno da EJA manifesta visível receio de não corresponder à própria expectativa ou à expectativa que, imagina, o professor possa ter. Mitifica a arte e o conhecimento estético como algo só possível a uma minoria. Porém, quando confronta e dialoga sobre sua produção pessoal e a dos colegas, percebe que seus percursos, resultados e gostos muitas vezes apresentam semelhanças, liberando-se, gradativamente, do medo do desacerto. Aprende a reconhecer as diferenças estéticas, as particularidades no trabalho do outro e no seu próprio trabalho, melhorando sua capacidade de crítica e autocrítica, edificando uma auto-estima positiva, elevando sua autoconfiança e contribuindo assim para o êxito do processo de ensino e de aprendizagem.

**Identificar, relacionar e compreender a arte como fato histórico contextualizado nas diversas culturas, conhecendo, respeitando e podendo observar as produções presentes no entorno, assim como as demais do patrimônio cultural e do universo cultural e natural, identificando a existência de diferenças nos padrões artísticos e estéticos de diferentes grupos.**

Fazendo parte de um grupo heterogêneo, o aluno da EJA leva para a sala de aula valores, crenças, objetos, conhecimento de músicas, danças, festas de tradição que se tornam ricos materiais para as aulas de Arte. Conhecer, observar, estabelecer comparações estéticas entre as próprias produções, a arte que está presente onde se vive e as obras do universo cultural mais amplo, contextualizando-as, contribui para que o aluno tenha maior percepção da importância da Arte nas várias culturas. Saber que o conhecimento produzido em Arte está intimamente ligado ao desenvolvimento histórico das sociedades e que é parte integrante do patrimônio cultural poderá levar o aluno a perceber e se conscientizar do valor de sua própria cultura, da cultura de sua região, de seu país e do mundo, implementando a necessidade e a consciência da consideração sobre as relações entre parte e todo nessa dinâmica.

**Observar as relações entre a arte e a leitura da realidade, refletindo, investigando, indagando, com interesse e curiosidade, exercitando a discussão, a sensibilidade, argumentando e apreciando arte de modo sensível.**

A observação das relações entre arte e leitura da realidade, que são bastante presentes no aluno jovem e no adulto, leva-o a buscar, perguntar, discutir, pensar sobre o que é arte. Esse aluno necessita desenvolver sua percepção e sua sensibilidade para a fruição artística, além de adquirir conhecimentos, competências e habilidades para decodificar a diversidade de imagens, sons, gestos e movimentos e conviver criticamente com os significados que produzem. Ao se familiarizar com a apreciação de manifestações artísticas de diversas culturas, tempos e lugares, o aluno adquire conhecimentos que lhe permitem perceber, distinguir, refletir e analisar o mundo que o cerca.

**Identificar, relacionar e compreender os diferentes âmbitos da arte, do trabalho e da produção dos artistas.**

Vale a pena proporcionar aos alunos jovens e adultos situações que lhes permitam compreender e refletir sobre os diferentes âmbitos da arte, ajudando-os a compreender a arte não apenas como lazer ou consumo, mas como área do conhecimento e como atividade profissional. Vivenciando processos artísticos, conhecendo a arte na história de povos e países, compreenderão melhor os âmbitos da arte nas diferentes culturas e poderão entender o artista como trabalhador. Uma boa sugestão consiste na promoção de encontros com trabalhadores artistas, para conhecer seus processos, aspirações, dificuldades, obstáculos, produções; essa prática contribui para que o aluno transponha as barreiras do senso comum e amplie sua visão estética e crítica de mundo.

**Identificar, investigar e organizar informações sobre a arte, reconhecendo e compreendendo a variedade dos produtos artísticos e concepções estéticas presentes na história das diferentes culturas e etnias.**

O aluno da EJA precisa saber identificar, investigar e organizar informações sobre arte na história, sendo capaz de estabelecer um diálogo entre as poéticas das artes. Ao perceber a variedade de produtos artísticos, respeitando e conhecendo concepções estéticas presentes na história de diferentes culturas e etnias, vê se abrirem caminhos para um “pensar em arte”, para que possa refletir e construir seu conhecimento com um olhar sensível, atento, inteligente, aberto à variedade cultural, quebrando preconceitos.

### **Pesquisar e saber organizar informações sobre arte em contato com artistas, obras de arte, fontes de comunicação e informação.**

Em contato com processos de produção artística, visitando ateliês de artistas plásticos, estúdios de gravação musical, estúdios de rádio e tevê, espaços de criação e ensaios de dança ou teatro, podem ocorrer momentos especiais de aprendizagem. Saber buscar, procurar, organizar fontes de documentação e informação na área de Arte são habilidades necessárias à construção de conhecimento, levando os alunos a compreender melhor o fenômeno artístico e as possibilidades de atuar no mundo em que vive.

## **Conteúdos do ensino de Arte**

Respondendo à pergunta: “o que se deve ensinar?”, os conteúdos de Arte podem ser classificados em três tipos: conceituais, procedimentais e atitudinais.

**Conceituais** – São aqueles ligados ao âmbito cognitivo do *saber*, englobando saberes relativos a fatos, conceitos e princípios. Estão entre eles: representação; comunicação; formas visuais; contextos sociopolíticos e socioculturais das manifestações de danças populares; músicas do próprio meio sociocultural, nacionais e internacionais; acervo; elementos que envolvem a produção de uma cena: atuação, coordenação de cenas, cenário, iluminação e sonorização.

**Procedimentais** – São aqueles ligados ao *saber fazer*. Por exemplo: produção artística visual em espaços diversos como desenho, pintura, colagem, gravura, construção, escultura, instalação, fotografia, cinema, vídeo, meios eletroeletrônicos, *design*, artes gráficas e outros; preparação técnica do corpo para poder dançar; improvisação, composição e interpretação, desenvolvendo percepção auditiva, imaginação e memórias musicais; observação e análise constantes dos produtos das cenas em função do caráter inacabado da cena teatral.

**Atitudinais** – São aqueles ligados a *saber ser* e *saber ser no convívio com o outro*, tais como: autonomia na manifestação pessoal para fazer e apreciar arte; desenvolvimento de atitudes de autoconfiança e autocrítica nas tomadas de decisão em relação às produções pessoais; interesse e respeito pela própria produção e também pelo que os colegas e outras pessoas criam em distintas culturas.

A organização desses conteúdos em três tipos não significa a ausência de relação entre eles; um mesmo tema pode envolver conteúdos de natureza diferente.



Por exemplo: a pintura pode ser tratada em uma perspectiva conceitual (o que é e o que foi pintura na história da arte), procedimental (como fazer pintura mural, pintura em têmpera) ou atitudinal (o valor das pinturas nas sociedades pré-históricas).

A formação do professor, seu conhecimento em arte, é que indicará a linguagem artística a ser desenvolvida com os alunos: artes visuais, dança, música ou teatro. A partir daí ele construirá seus critérios para selecionar os conteúdos do plano de ensino.

Quando eu ouvi falar que aqui tinha Arte e era obrigatório fazer, logo pensei: “Parece coisa de primário”, eu já não estou mais na idade de ficar desenhando e brincando com guache. Então, não queria fazer mais o curso, mas quando comecei a conversar com alguns alunos que fizeram ou estão fazendo arte algo me chamou a atenção: o fato de que os professores ensinam aos alunos. Então, tendo uma excursão para o MAM, eu fui; lá eu entendi que arte não é uma coisa que só se desenha e mexe com guache. Mas, sim, que arte faz parte de nossa história, tanto no passado quanto no presente e no futuro.

*Depoimento de aluna da EJA*

## Os eixos de aprendizagem

A proposição de conteúdos para o Segundo Segmento da Educação de Jovens e Adultos está estruturada a partir de três eixos de aprendizagem: **produzir, apreciar, contextualizar**.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais enfatizam o ensino e a aprendizagem de conteúdos que colaborem para a formação do cidadão, propiciando ao aluno a aquisição de conhecimentos que lhe permitam situar a produção de arte como objeto sócio-histórico, contextualizado nas culturas. Para a seleção e a organização de conteúdos de Arte foram estabelecidos critérios que, no conjunto, procuram promover a formação artística e estética do aluno e a sua participação na sociedade.

Com relação aos conteúdos, orienta-se o ensino da área de modo que acolha a diversidade do repertório cultural que o aluno traz para a escola, trabalhe com os produtos da comunidade em que a escola está inserida e também que se introduzam conteúdos das diversas culturas e épocas, a partir de critérios de seleção adequados à participação do estudante na sociedade como cidadão informado, crítico e autônomo.

Nesta proposta, os conteúdos da área de Arte estão organizados de maneira a atender às aprendizagens no domínio do conhecimento artístico e estético, seja no exercício do próprio processo criador, pelo fazer, seja no contato com obras de arte e outras manifestações presentes nas culturas ou na natureza.

O estudo, a análise e a apreciação da arte podem contribuir tanto para o processo pessoal de criação dos alunos como para sua experiência estética e conhecimento do significado que ela desempenha nas culturas humanas.

A estrutura dos eixos de aprendizagem e sua articulação com os tipos de conteúdo da área, de outras áreas do conhecimento e dos temas transversais configura uma organização que permite às escolas criar seus desenhos curriculares com liberdade, levando em consideração seu projeto educativo e seu contexto educacional.

Os três eixos são articulados na prática, ao mesmo tempo em que mantêm seus espaços próprios. Os conteúdos poderão ser trabalhados em qualquer eixo, conforme decisão do professor, em conformidade com o desenho curricular de sua equipe e a adequação às atividades e aos projetos de trabalho desenvolvidos.

**Produzir** – Refere-se ao fazer artístico (como expressão, construção, representação) e ao conjunto de informações a ele relacionadas, quanto à atividade do aluno e ao desenvolvimento de seu percurso de criação. O ato de produzir realiza-se por meio da experimentação e do uso adequado das linguagens artísticas.

**Apreciar** – Refere-se ao âmbito da recepção, incluindo percepção, decodificação, interpretação, fruição. A ação de apreciar abrange a produção artística do aluno e a de seus colegas, a produção histórico-social em sua diversidade, a identificação de qualidades estéticas e significados artísticos no cotidiano, nas mídias, na indústria cultural, nas práticas populares, no meio ambiente.

**Contextualizar** – Significa situar o conhecimento do aluno em relação a seu próprio trabalho artístico, ao dos colegas e da arte como produto social e histórico, o que desvela a existência de múltiplas culturas e subjetividades.

## Critérios para selecionar os conteúdos

De maneira geral, recomenda-se a seleção de conteúdos que possam:

- favorecer a compreensão da arte como cultura, do artista como ser social e dos alunos como produtores e apreciadores;
- valorizar as manifestações artísticas de povos e culturas de diferentes épocas e locais, incluindo a contemporaneidade e a arte brasileira;
- possibilitar que os três eixos da aprendizagem possam ser realizados com grau crescente de elaboração e aprofundamento.

Do ponto de vista das **finalidades educativas** do ensino de Arte na Educação de Jovens e Adultos os critérios podem se pautar pelos pontos relacionados a seguir.

- Abordar a singularidade da EJA, procurando contribuir para a ampliação da autonomia dos alunos, e dando condições para que eles vivenciem a experiência artística em sua amplitude.
- Transcender o domínio imediato de técnicas artísticas e oferecer desafios que provoquem o gosto pelo aprendizado, levando o jovem ou adulto a estabelecer vínculos duradouros com a arte. O tempo de permanência na escola é uma rara oportunidade para o aluno vivenciar, discutir e refletir sobre arte.
- Partir de duas experiências de arte vividas: a do professor e a do aluno, com as características e particularidades de cada um. Em sala de aula, o professor de Arte apresenta e trabalha com o conhecimento artístico acumulado pela humanidade e com as novas experiências estéticas. Suas experiências como docente e sua bagagem de experiência pessoal nos âmbitos do fazer, do apreciar e do contextualizar arte alimentam sua prática reflexiva. Conhecendo o seu próprio processo de aprendizagem e expressão em arte, o professor estabelece com seus alunos o diálogo entre o ensino e a aprendizagem. Essa dialética é importante para que o professor crie novos referenciais e componha, continuamente, novas possibilidades de transposição didática, tendo a especificidade de cada aluno e do grupo como ponto importante a ser observado. Isso não significa que ele vá fazer arte com os alunos, pois, na sala de aula, ele é um mediador de culturas, um orientador do percurso de criação e o promotor do processo reflexivo sobre arte.
- Estar em consonância com o contexto da escola, com os objetivos mais amplos que possam levar o jovem ou o adulto a dominar novas tecnologias, a trabalhar em equipe, a expressar-se com segurança na língua materna, a desenvolver seu espírito crítico e sua consciência de cidadania. Esses conteúdos de Arte devem contribuir, junto com o conhecimento produzido nas outras áreas, para uma inserção maior dos alunos no mundo do trabalho, da cultura e das relações entre sociedade e cultura.
- Promover experiências estéticas no processo de ensino e de aprendizagem que possibilitem ressignificações, compartilhamentos e reflexões, considerando que o conhecimento em Arte é construído num processo de domínio progressivo de aprendizagens artísticas, tendo o professor como mediador entre os alunos e os conteúdos de ensino.

## Conteúdos relativos a atitudes e valores

O aluno da EJA traz consigo uma imagem da escola que tem muito a ver com as experiências escolares anteriores. Alguns até se saíram bem nos estudos, mas não puderam prosseguir pelos mais diversos motivos; outros passaram por processos de exclusão ou fracasso escolar. Quando esses jovens e adultos voltam à sala de aula, seu passado escolar muitas vezes é causa de sentimentos de baixa auto-estima; alguns se mostram tímidos, reservados, com muito medo de errar. Os mais jovens, geralmente, revelam uma auto-imagem traduzida em insegurança, atitudes indisciplinadas ou mesmo afirmações de incapacidade e derrotismo perante desafios.

Antes de mais nada, é primordial que a escola trabalhe também com a auto-estima. Se o aluno não se sentir seguro e capaz para produzir no âmbito escolar, seu aprendizado será prejudicado. Qualquer que seja a atividade artística a ser trabalhada com esse aluno, sua auto-estima e autoconfiança, pautadas na valorização de suas experiências e de saberes, são atitudes imprescindíveis para garantir o êxito do processo de ensino e aprendizagem.

### Conteúdos atitudinais

- prazer e empenho na apreciação e na construção de formas artísticas;
- interesse e respeito pela própria produção, dos colegas e de outras pessoas;
- disponibilidade para realizar produções artísticas, expressando e comunicando idéias, valorizando sentimentos e percepções;
- desenvolvimento de atitudes de autoconfiança e autocrítica nas tomadas de decisões em relação às produções pessoais;
- posicionamentos pessoais em relação a artistas, obras e meios de divulgação das artes;
- cooperação com os encaminhamentos propostos nas aulas de arte;
- valorização das diferentes formas de manifestações artísticas como meio de acesso e compreensão das diversas culturas;
- identificação e valorização da arte local, nacional e internacional;
- atenção, juízo de valor e respeito em relação a obras e monumentos do patrimônio cultural;
- reconhecimento da importância de freqüentar instituições culturais onde obras artísticas sejam apresentadas;
- interesse pela história da arte;
- valorização da atitude de fazer perguntas relativas à arte e às questões a ela relacionadas;
- valorização da capacidade lúdica, da flexibilidade, do espírito de

- investigação e de crítica como aspectos importantes da experiência artística;
- autonomia na manifestação pessoal para fazer e apreciar a arte;
  - desenvolvimento de critérios de gosto pessoal, baseados em informações, para selecionar produções artísticas e ter crítica com relação a produções sem qualidade artística;
  - flexibilidade para compartilhar experiências artísticas e estéticas e manifestação de opiniões, idéias e preferências sobre a arte;
  - sensibilidade para reconhecer e criticar manifestações artísticas manipuladoras, que ferem o reconhecimento da diversidade cultural e a autonomia e ética humanas;
  - reconhecimento dos obstáculos e desacertos como aspectos integrantes do processo criador pessoal;
  - atenção ao direito de liberdade de expressão e preservação da própria cultura.

## As linguagens artísticas

As linguagens artísticas – artes visuais, dança, música e teatro – têm seus campos específicos, com objetivos e conteúdos distintos, que precisam ser considerados ao elaborar os planos, projetos e planejamentos. Mas elas também devem ser correlacionadas, ao mesmo tempo em que se estabelece a interdisciplinaridade com as outras áreas do conhecimento.

Em sua construção, o projeto educativo da escola traz em seu âmbito propostas de trabalhos integrados com toda a equipe escolar – cada uma das áreas participa com sua essência, sem se descaracterizar ou ser instrumento para o ensino da outra. É nessa perspectiva que a Arte se insere no projeto coletivo e o integra.

A presente proposta traz as linguagens artísticas: artes visuais, dança, música e teatro, não se tratando de polivalência, mas sim de trabalho específico com cada uma delas.

## Artes visuais na EJA

O entendimento do mundo é construído, fundamentalmente, a partir do cotidiano. O conhecimento das pessoas que voltam aos estudos é rico em experiências vividas. Seus valores e crenças influenciam comportamentos no âmbito da família, da escola e do trabalho. Em artes visuais, na educação de jovens e adultos, procura-se ampliar os meios de apreensão, de compreensão e



de representação do mundo desses alunos, “alfabetizando-os” na linguagem visual nas mais variadas formas de leitura de imagens.

As palavras, números, movimentos, sons, signos e símbolos visuais se transformam em imagens, por intermédio das quais os significados são representados. Pode-se usufruir dessas representações, conhecendo valores, procedimentos, princípios, códigos, estruturas. Por meio das particularidades da linguagem artística, de seus elementos estruturais, é que os significados são originados e sua verdadeira essência se expressa. É fundamental para o aluno da EJA vivenciar o conhecimento que é peculiar à obra de arte.

*Os doze profetas, esculturas monumentais em pedra-sabão construídas por Aleijadinho no século 18, defronte à igreja do Bom Jesus de Matosinhos, em Congonhas do Campo, Minas Gerais, são um bom exemplo de como múltiplos significados convivem em uma obra de arte. Além de representar cada um dos doze profetas descritos na Bíblia, essa obra marca também o estilo barroco no Brasil. A beleza e a grandiosidade dessas doze peças em tamanho natural, a enorme força expressiva, o fato de elas estarem teatralmente dispostas em frente à igreja como numa cena viva onde dialogam entre si e falam aos céus, a liberdade estética com que um artista do povo explorou um estilo artístico importado da Europa, em pleno período de opressão colonial, conferem a esse patrimônio da humanidade uma universalidade que marca a história do Brasil e a história da arte. São sentimentos, pensamentos, percepções reunidos e sintetizados que só atingem sua totalidade expressiva por meio das esculturas.*

Entrar em contato com diferentes objetos artísticos, suas respectivas técnicas de linguagem e particularidades expressivas é experiência insubstituível e essencial para ampliar a percepção do mundo.

## Leitura de imagens

O ensino e a aprendizagem das artes visuais têm na imagem seu objeto de estudo: imagens fixas ou imagens em movimento; imagens criadas, produzidas, mas também imagens vistas, fruídas, analisadas, refletidas a partir do contexto em que estão inseridas, apreciadas. As imagens podem fazer brotar formas estéticas de pensamentos e sentimentos, contribuindo para o desenvolvimento de algumas das mais complexas habilidades cognitivas do indivíduo. Quando uma imagem é estudada, por exemplo, realizam-se várias ações: seguem-se contornos, extraem-se significados, distinguem-se e estabelecem-se relações de figura-fundo, percebem-se como as linhas, planos, texturas e cores se distribuem de maneira que suas estruturas expressivas toquem a emoção e a imaginação.

Em artes visuais, produzir uma imagem e ser capaz de ler uma imagem são duas competências básicas que se inter-relacionam e se completam. Jovens

e adultos precisam exercitar práticas sociais diversificadas de leitura e registro do mundo, tão necessárias ao convívio em sociedade, ao seu preparo para o mundo do trabalho, ao seu enriquecimento pessoal.

No mundo contemporâneo, a difusão da imagem passa a ter cada vez maior abrangência. Não só entre as pessoas dos grandes centros urbanos, como também entre as da área rural. Isso se pode constatar, principalmente, nos veículos de comunicação de massa como a televisão, os cartazes publicitários, a xerocópia, o computador, o cinema, o vídeo. As novas tecnologias trouxeram consigo maior democratização da imagem, o surgimento de uma infinidade de novos símbolos, possibilitando às pessoas o acesso a um número enorme de informações visuais. Os ícones na tela de um computador, por exemplo, ao serem criados, logo se modificam e se dissipam com rapidez, a cada lançamento de um novo programa no mercado. No Brasil, tudo isso convive, ainda, com uma produção artesanal – artesanato com barro, cipó, rendas, bordados etc. – que subsiste, em larga escala, por todos os cantos do país.

Na verdade, toda essa variedade visual não garante maior compreensão do mundo. Pelo contrário, tal reprodutibilidade de imagens pode impor modelos e levar a um consumismo cada vez mais massificado, tornando as pessoas uma espécie de vítimas sem capacidade crítica ou seletiva. A educação do olhar é objetivo essencial das artes visuais, preparando o aluno para compreender e avaliar tipos diferenciados de imagens, para uma decodificação dos estímulos visuais, para uma apreciação qualitativa do mundo, com marca da sua subjetividade, alimentada por códigos de qualidade artística e estética, advindos tanto das tradições culturais como do novo em arte.

## Diversidade cultural e interculturalidade

No Brasil, as artes visuais estão nas ruas, feiras, praças, cemitérios, igrejas, mas também em museus, instituições culturais, galerias, onde há preciosidades artísticas características da diversidade cultural brasileira. Para o aluno da EJA, promover a aprendizagem do olhar é sensibilizá-lo para o cotidiano e também para o patrimônio artístico brasileiro. É estimular sua consciência cultural, valorizando as formas visuais que convivem com ele cotidianamente, aquelas que se encontram nos lugares por onde passa. É reconhecer e apreciar a sua cultura, sua experiência vivida, sua visão de mundo.

A diversidade cultural das pessoas, na própria sala de aula, é material riquíssimo para esse trabalho. A interculturalidade, isto é, o reconhecimento e a interação entre as diferentes culturas das pessoas, de forma

democrática, é conteúdo primordial de um programa de Arte. O papel das artes visuais na valorização da identidade de um jovem ou adulto é relevante nesse aspecto. Quando o aluno executa um trabalho artístico, ele recria, transforma a matéria ou tem idéias para inaugurar algo novo, genuíno, pessoal. Algo que, sem a sua ação, não teria existência. Ao comparar sua obra com a do colega, ou mesmo com a de um artista, seu estilo próprio, suas minúcias e peculiaridades se evidenciam. A marca da subjetividade está relacionada a um universo de saberes coletivo, entretanto, se consolida ao afirmar sua maneira ímpar de solucionar ou identificar problemas ao construir um objeto artístico. Respeitar e dar valor ao trabalho do outro são atitudes que se originam e se constroem nesse processo. Ao produzir, ler e apreciar imagens, o aluno aprende novas maneiras de ser e de estar no mundo, ressignificando suas experiências vividas, aspectos que o levam a afirmar sua identidade. Tudo isso só é possível quando o sujeito confronta-se com o outro, com as diferenças e semelhanças existentes entre eles, sensibilizando-se e educando-se para o respeito e a valorização mútuos.

## Acesso à cultura universal

É raro que os alunos de educação de jovens e adultos das escolas de centros urbanos freqüentem, espontaneamente, espaços expositivos de artes visuais: galerias, museus, exposições. Esses lugares têm poucos atrativos para eles – não oferecem familiaridade e, por outro lado, os levam a confrontar-se com a própria exclusão social – e a arte ali presente lhes parece mais um assunto de artistas e profissionais do ramo do que do público em geral. Se a escola não realizar uma mediação, propiciando o acesso dos alunos a esses locais, é provável que permaneçam como lugares ignorados e desconhecidos para eles. Tão importante quanto a valorização da cultura dos alunos é criar condições para o conhecimento da cultura universal.

O professor de artes visuais deve procurar sensibilizar e trabalhar a arte que está a seu redor, as manifestações populares da região onde mora, as tradições culturais de seu país, além da arte universal. E também as conexões entre esses âmbitos culturais, suas semelhanças, diferenças e a presença do regional de outras culturas e do universal da própria cultura, levando-os a conhecer e apreciar obras criadas por artistas de várias nacionalidades, de diversos tempos. O professor que estimula a freqüência a exposições contribui para o acesso a produções e informações que devem ser compartilhadas por todos, contribuindo para que seus alunos possam exercer sua cidadania.

## O fazer artístico

O fato de não terem podido freqüentar uma escola na idade em que outras crianças o faziam em geral é uma marca na vida dos alunos jovens e adultos. Uma conseqüência de terem se inserido precocemente no mercado de trabalho ou terem precisado ajudar os pais nas tarefas domésticas. O fazer constitui a marca maior de suas vidas, e seus saberes foram construídos nesse fazer. Sua visão de mundo, resultante dessa realidade, se polariza significativamente e, com freqüência, leva-os a classificar as coisas de forma dicotômica, entre o útil e o inútil, o bem e o mal, o certo e o errado, o longe e o perto, o bonito e o feio. Seu conhecimento é contextualizado pelas necessidades e demandas imediatas do dia-a-dia. Diante de uma pintura, por exemplo, muitos buscam na imagem uma fidelidade fotográfica, relacionando o tema diretamente a conceitos de beleza e realismo. A imagem é bela porque o tema é belo. Gostam de ver representadas as coisas que julgam bonitas e agradáveis: flores, crianças, paisagens, cavalos.

As aulas de artes visuais desenvolvem percepção visual e imaginação, conduzindo ao pensamento abstrato. Leva os alunos a transitar em outras esferas do conhecimento, onde aprendem a articular e a relativizar novos significados do universo da apreciação estética e da crítica. Realizam atividades que também partem de um “fazer”, um fazer criativo: o fazer artístico. Na ação de produzir um trabalho – desenho, pintura, escultura, enfim, de construir um objeto artístico – o aluno seleciona, cria e recria significados, no intuito de representar uma nova realidade singular, inaugurada por ele. Ao ser expressa, fala de seu criador. Dessa forma, o aluno entra em contato consigo, num processo crescente de autoconhecimento. É importante que o professor da EJA valorize as formas visuais produzidas pelos alunos, orientando-os quanto aos procedimentos, materiais e técnicas artísticas.

Muitos desses jovens e adultos têm desenvolvido algumas competências no exercício de suas profissões. Alguns, por exemplo, realizam trabalhos ligados à publicidade, ao *design* gráfico ou têxtil. Outros podem apresentar destreza e familiaridade com materiais plásticos, em face de suas experiências de vida. A autoconfiança adquirida após um bom resultado de uma produção artística é um dos caminhos que leva a avanços na educação em artes visuais.

Na medida em que esse fazer pode ser confrontado com os fazeres de outros, colegas ou artistas, no exercício da apreciação estética, o aluno passa a empreender uma reflexão sobre sua própria produção e seus conhecimentos de arte. O saber em artes visuais é construído na integração entre a experimentação, a apreciação e a informação contextualizada.

## Depoimento de uma aluna

Quando estudei em escolas convencionais, educação artística era uma coisa mecânica, não dava prazer em estudar. Mas fui obrigada a mudar de opinião ao ingressar nesse colégio. Primeiramente, em vez de utilizar caderno de desenho, lápis HB etc. fomos para uma sala de vídeo assistir ao filme *Agonia e êxtase*. Olha, que "máximo"! Assistir a um filme sobre a vida de Michelangelo, um dos artistas mais famosos do Renascimento. Daí por diante, tudo foi diferente.

Fizemos um comentário escrito sobre o filme e sobre o Renascimento; pensei: "vou ser crítica de cinema". Mas não, nossas aulas foram divididas entre práticas e teóricas e não houve uma sequer que tenha sido chata, maçante ou cansativa, pelo contrário.

Nunca tinha tido a experiência de pintar uma tela, ou misturar tintas. Aprendi sobre museus, quando antes só ouvia falar em novelas, filmes ou lia em algum jornal.

De tudo que aprendi, sei que educação artística não se limita somente a régua e compasso. Existe muito além dos limites de simples traçados. Digamos que a arte é infinita e maravilhosa. Simples, completa e fascinante.

## O desenvolvimento da linguagem visual

Criar e fruir imagens e formas visuais requer um progressivo domínio da linguagem visual. Elementos como ponto, linha, plano, cor, luz, volume, textura, movimento e ritmo relacionam-se, dando origem a códigos e sistemas de representação que se transformam ao longo dos tempos. O aluno, quando cria suas poéticas visuais, também gera códigos próprios de seu tempo.

O desenvolvimento do aluno da EJA nas linguagens visuais requer, então, aprendizagem de técnicas, procedimentos, informações sobre história da arte e artistas e sobre as relações culturais e sociais envolvidas na experiência de fazer e apreciar arte. Sobre tais aprendizagens, o jovem ou adulto construirá suas próprias representações ou idéias, que transformará ao longo do desenvolvimento, à medida que avança no processo educacional.

Para promover o conhecimento progressivo do aluno em artes visuais, é importante levar em conta que a reflexão se articula com a apreciação e a contextualização. Tal articulação alimenta e revigora a aprendizagem em Arte. A execução de uma xilogravura certamente se tornará mais rica se o aluno jovem ou adulto puder apreciar trabalhos de xilogravadores de diversos contextos socioculturais. Conhecer a origem da literatura de cordel, sua ilustração por meio da xilogravura, conhecer a obra de um artista como Goeldi, sua vida e sua época, são exemplos de como a apreciação estética e a contextualização podem incrementar e enriquecer o fazer do aluno. Os motivos pelos quais esses artistas elegem a técnica da gravura e as diferentes soluções



estéticas que encontram para compor suas obras podem ser estudados. São aspectos que contribuem para o melhor entendimento dos valores históricos e sociais presentes no trabalho desses artistas e atuam, concomitantemente, como fontes de repertório e apropriação da técnica da gravura. Instrumentam o aluno em sua ação criadora, ajudando-o a conquistar confiança para lançar mão dos recursos técnicos necessários ao seu fazer artístico.

Os três eixos (fazer, apreciar e contextualizar) estão articulados na prática, ao mesmo tempo em que mantêm espaços próprios.

## Objetivos

Entre os objetivos do trabalho com artes visuais na EJA se destacam os relacionados a seguir.

- Desenvolver uma relação de autoconfiança com a produção artística pessoal, relacionando a própria produção com a de outros, valorizando e respeitando a diversidade artística e estética.
- Expressar, representar idéias, emoções, sensações por meio da articulação de poéticas pessoais, desenvolvendo trabalhos individuais e grupais.
- Construir, expressar e comunicar-se em artes plásticas e visuais, articulando a percepção, a imaginação, a memória, a sensibilidade e a reflexão, e observando o próprio percurso de criação e suas conexões com o de outros.
- Interagir com uma variedade de materiais naturais e fabricados e com multimeios (computador, vídeo, holografia, cinema, fotografia), percebendo, analisando e produzindo trabalhos de arte.
- Reconhecer, diferenciar e saber utilizar diversas técnicas de arte, com procedimentos de pesquisa, experimentação e comunicação próprios.
- Identificar a diversidade e as inter-relações de elementos da linguagem visual que se encontram em múltiplas realidades (vitrines, cenários, roupas, adereços, objetos domésticos, movimentos corporais, meios de comunicação), perceber e analisá-los criticamente.
- Conhecer, relacionar, apreciar objetos, imagens, concepções artísticas e estéticas, observando a conexão entre essas produções e a experiência artística pessoal e cultural do aluno.
- Frequentar e utilizar as fontes de documentação de arte, valorizando os modos de preservação, conservação e restauração dos acervos das imagens e objetos presentes em variados meios culturais, físicos e virtuais, museus, praças, galerias, ateliês de artistas, centros de cultura, oficinas populares, feiras, mercados.

- Compreender, analisar e observar as relações entre as artes visuais com outras modalidades artísticas e também com outras áreas do conhecimento humano (Educação Física, Matemática, Ciências, Filosofia etc.), estabelecendo as conexões entre elas e sabendo utilizar tais áreas nos trabalhos individuais e coletivos.
- Conhecer e situar profissões e os profissionais de artes visuais, observando o momento presente e as transformações históricas já ocorridas, e pensar sobre o cenário profissional do futuro.

## Conteúdos

Os conteúdos de artes visuais para o Segundo Segmento do Ensino Fundamental estão aqui descritos de forma abrangente, visando sua seleção de acordo com a realidade educacional em que forem estruturados. Ao escolher conteúdos para compor o currículo, o professor deve se apoiar nas experiências vividas pelos alunos e no seu saber de professor de Arte – que orienta, intervém em novas aprendizagens, ajuda a internalizar e a relacionar antigas e novas concepções artísticas. A seleção de conteúdos também parte das próprias experiências artísticas vividas pelo professor enquanto criador, que usufrui e conhece arte. É importante estabelecer uma seqüência de conteúdos em crescente grau de aprofundamento, em que os elementos estruturais da linguagem visual, tais como ponto, linha, plano, cor, textura, forma, volume, luz, assim como o significado das obras, sejam constantemente retomados na produção e na apreciação de trabalhos realizados pelos alunos.

## Produção do aluno

- Produção artística visual: por meio de desenho, pintura, colagem, gravura, construção, escultura, instalação, fotografia, cinema, vídeo, meios eletroeletrônicos, *design*, artes gráficas e outros; individualmente ou em grupo.
- Observação, análise e utilização dos elementos da linguagem visual e suas articulações nas imagens produzidas.
- Representação e comunicação das formas visuais, concretizando idéias próprias.
- Conhecimento, utilização e experimentação de materiais, suportes, instrumentos, procedimentos e técnicas nos trabalhos artísticos, explorando suas qualidades expressivas e construtivas.

## Apreciação significativa

- Contato sensível e pela análise de formas visuais presentes nos próprios trabalhos, nos dos colegas, no espaço urbano, na natureza e nas diversas culturas.
- Observação da presença e articulação dos elementos básicos da linguagem visual nas imagens produzidas, nas dos colegas e nas apresentadas em diferentes culturas e épocas.
- Identificação, observação e análise de diferentes materiais, técnicas e procedimentos artísticos nos próprios trabalhos, nos dos colegas e nos de outras culturas.
- Apreciação e leitura visual de produções artísticas (originais e reproduções) e de diversos meios de comunicação da imagem: televisão, vídeo, fotografia, cartaz, publicidade, telas de computador; histórias em quadrinhos, desenho animado, *design*.
- Identificação e reconhecimento dos significados expressivos, comunicativos e de valor simbólico das formas visuais.
- Discussão, reflexão e comunicação sobre o trabalho de apreciação de imagens pela fala, escrita ou por registros (gráficos, sonoros, dramáticos, videográficos, mobilizando a troca de informações com os colegas e outras pessoas).
- Descoberta, observação e análise crítica de elementos e formas visuais na configuração do meio ambiente construído.
- Identificação de variados sentidos existentes nas imagens produzidas por artistas ou transmitidas nos meios de comunicação, e suas influências na vida pessoal e social.

## Produção cultural e histórica

- Observação, pesquisa e conhecimento de diferentes obras de artes visuais, produtores e movimentos artísticos de diversas culturas (regional, nacional e internacional) e em diferentes tempos da história.
- Reconhecimento da importância das artes visuais na sociedade e na vida dos indivíduos.
- Reflexão sobre a ação social que os produtores de arte realizam em diferentes épocas e culturas, construindo relações entre vida, obra e contexto.
- Conhecimento e valorização das diferentes formas de manifestações artísticas visuais como meio de acesso e compreensão das diversas culturas.
- Reflexão sobre as artes visuais e a cultura brasileira em sua diversidade, presença na comunidade e no cotidiano dos alunos.

- Conhecimento e valorização de sistemas para documentação, preservação e divulgação de bens culturais.
- Reconhecimento da importância e autonomia para frequentar instituições culturais e eventos populares onde as obras de artes visuais sejam apresentadas.
- Contato frequente e informação oral, sobre vida e obra de artistas e produtores de artes visuais.
- Elaboração de formas pessoais de registro para assimilação, sistematização e comunicação das experiências vividas com as artes visuais.

## Dança na EJA

As buscas daqueles que se propõem a completar sua educação formal em EJA não se resumem, exclusivamente, à aquisição de conhecimento. O perfil desses alunos acrescenta à escola uma outra função, a da sociabilidade, da oportunidade de conhecer pessoas, de encontrar parceiros, de viver momentos em grupo (novas amizades), muitas vezes inexistentes em função das profissões que exercem ou que podem exercer.

Costuma-se pensar nas diversas formas de dança na escola principalmente nas ocasiões festivas, em geral datas comemorativas regionais ou nacionais e formaturas. Nessas oportunidades, a dança serve para incentivar tanto as práticas populares (ciranda, maracatu, coco, carimbó, entre outras) quanto as de lazer (danças de salão, discoteca etc.). Essa é uma forma, consciente ou não, de levar em conta e até mesmo valorizar a bagagem cultural do aluno na área de dança.

Ocasionalmente, sob a mesma justificativa, ou seja, a de valorizar o universo cultural dos alunos, a dança é trazida para a escola em forma de festivais – os estudantes preparam (ou reproduzem) as coreografias que já sabem, para apreciação e entretenimento dos colegas e professores. Nessas ocasiões, têm a oportunidade de “mostrar” o que sabem – seus talentos, parte de sua vida fora da escola.

A dança também tem sido pensada na escola em função do cansaço e da sobrecarga corporal dos alunos trabalhadores, das pressões cotidianas ante a crise do desgaste emocional e a falta de perspectiva do mercado de trabalho, que acabam se refletindo no corpo. Sem dúvida, dançar proporciona estados emocionais diferenciados, trabalha o corpo de modo a propiciar a expressão individual de cada um.

De uma forma ou de outra, as justificativas e as necessidades absolutamente autênticas acima mencionadas podem acabar simplesmente

reproduzindo de maneira assistemática os gostos e as possibilidades dos alunos. Essas danças acompanham as paradas de sucessos musicais, as coreografias da moda, os padrões sociais de relações e relacionamentos. Seria somente essa a função social da dança na escola? Reproduzir? Entreter? Divertir? Aliviar tensões?

Outra maneira de pensar a questão da dança na escola é o reconhecimento de seu rico e diversificado universo cultural na sociedade brasileira. Por que essa linguagem artística deve estar presente na educação formal de jovens e adultos se já faz parte das histórias de vida e do cotidiano dos alunos? Por que circunscrever as atividades e as vivências corporais por meio da dança às quatro paredes da sala de aula? Por que trabalhar com uma linguagem artística que está cada vez mais presente e valorizada nas atividades de lazer, na mídia e nas reuniões sociais dos alunos? Ao caminhar por essa linha de raciocínio, talvez se opte pela não-inclusão da dança nos currículos escolares. De fato, a simples presença da dança nas atividades festivas das escolas, ou ocasionalmente nas salas de aula, tem muito pouco a acrescentar aos alunos.

Dá-se o impasse: como valorizar e trabalhar com o imenso universo cultural dos alunos por meio das práticas corporais, principalmente da dança? Ignorá-las significa estar fadado ao fracasso, é descaracterizar a função social da escola na construção da cidadania. Reproduzi-las também é esvaziar a busca e a construção de conhecimento que a escola pode oferecer.

O maior desafio, para os professores, é justamente fazer com que o conhecimento da dança que os alunos têm “dialogue”, de forma crítica, com o conhecimento universal e as propostas educacionais. Inegavelmente, o ponto de partida é conhecer, experimentar, “ouvir” os corpos dos alunos por meio de suas danças, de sua escolha de repertórios, pela forma como se agrupam, por meio das músicas que fazem mais sentido em seus corpos. O que estão dizendo? O que querem? O que questionam? O que significam suas escolhas em termos pessoais, familiares, culturais, sociais? Em outras palavras, o “gosto” pelo axé é bem diferente do “gosto” pelo forró. Conscientes de que essas escolhas são também escolhas de consumo de massa, não deixam de ser opções pessoais e de grupos. Há uma vastíssima gama de possibilidades apresentada pelo mundo da dança na sociedade que não pode ser desconsiderada na situação de ensino e aprendizado.

Portanto, as danças dos alunos não são apenas as danças populares brasileiras de sua origem geográfica: são *também* as danças da mídia, as danças de rua, dos bares, das festas, dos festivais. São muitas vezes danças urbanas, televisivas, contemporâneas. São, outras vezes, as danças de seus pais, de seus avós, de seus antepassados.



Dá-se, assim, outro impasse: como articular a história de suas vidas, presente em seus corpos e nas danças de suas famílias e regiões, às danças que preferem e escolhem em sua vivência atual? Indo mais além, como articular essas possibilidades aos conteúdos de dança na escola que vão adiante dos repertórios regionais e pessoais?

Uma das contribuições inestimáveis da escola consiste em apresentar aos alunos diferentes conhecimentos em dança, que com frequência eles ignoram. Em geral, eles conhecem apenas repertórios prontos, danças coreografadas. E se se pensasse na possibilidade de eles próprios criarem suas danças (composição coreográfica e improvisação em dança), de aprimorarem seus movimentos (técnicas corporais)? A apreciação em dança, quer por meio da participação em eventos de dança ou na sala de aula, permite que o diálogo com artistas e com a produção mundial faça parte do leque de possibilidades desse aprendizado. Ou seja, a interseção entre saberes diversos é elemento crucial para que os alunos compreendam melhor suas danças, seus corpos, suas vidas em sociedade. Saber recriar e contextualizar as danças já existentes (coreografadas pela tradição ou não) possibilita a construção de uma cidadania mais presente e mais crítica.

O conhecimento da história da dança, especificamente em relação ao Brasil, pode ser um referencial para dialogar com o conhecimento e o ensino dessa arte. A história traz possibilidades a serem trabalhadas, pontos de partida e de chegada, para que se compreenda melhor a dança que se pode produzir, interpretando e criando.

Nos primórdios da história, a dança era elemento de ritos e rituais, passando de entretenimento do povo (danças populares) ao da elite (balé clássico). No início do século 20, havia clara divisão entre a dança considerada arte, a que era vista como lazer e as danças de cerimônias religiosas. Os artistas dessa época, entre eles Isadora Duncan, Martha Graham, Rudolf Laban, tentaram incorporar à dança teatral um caráter mais humano e emocional, mais próximo do povo, de seus sentimentos e vidas, sugerindo assim o que foi chamado de expressionismo na dança.

Nas décadas de 50 e 60, várias experiências valorizaram a dança como forma, ou seja, como corpos que se movem, sem conteúdo emocional. A dança se aproximou, assim, de seus elementos básicos, da visualidade e da sensação corporal.

Da década de 80 em diante, surgiu também a possibilidade de a dança expressar e discutir conteúdos de cunho social e problematizador, trazendo uma outra dimensão ao trabalho artístico – o da inserção social dos indivíduos no mundo.

As razões para dançar e as práticas sugeridas por artistas, ao longo dos séculos, convivem lado a lado no mundo contemporâneo, aumentando a gama de conteúdos a serem trabalhados na escola. Na verdade, as possibilidades

trazidas pela história da dança encontram-se nos conceitos e práticas dos próprios alunos e fazem parte, de uma maneira ou de outra, daquilo que vivem e acreditam que seja dançar. Ou seja, dança é diversão, lazer? Experimentação? Expressão da individualidade? Forma de conhecer o mundo e de se conhecer?

O diálogo entre as diversas possibilidades de dançar, contextualizar e apreciar a dança traz em seu bojo outra contribuição da escola para o universo dançante dos alunos: a possibilidade de perceber, perguntar, enfim, problematizar o corpo. O professor de Arte, ao trabalhar com a dança, deve refletir e colocar para seus alunos: Qual o papel de nosso corpo na dança? Somos reprodutores ou transformadores? Em última instância, somos submissos ou co-criadores do mundo? Que escolhas faço realmente, quando escolho uma dança? Qual é, enfim, meu papel no mundo, que se reflete em minha dança?

Dentro do universo da Arte, a dança apresenta especificidades que a diferenciam das outras linguagens artísticas a serem ensinadas e aprendidas nas escolas. Antes de tudo, a dança é uma arte do corpo, ou seja, necessita dele para que processos criativos e/ou de interpretação sejam realizados. Dessa forma, são as relações que podem ser estabelecidas entre corpo, dança e sociedade que tanto balizam a delimitação de objetivos quanto a escolha de conteúdos e a orientações didáticas desta área de conhecimento.

É também pelo corpo que se pode pensar na dança como uma arte em diálogo com outras disciplinas do currículo, abrindo a possibilidade de trabalhos interdisciplinares com Educação Física (corpos em movimento), Biologia (estruturas do corpo), Física (força, peso, resistências do corpo), Matemática (ângulos, projeções, ponto e planos formados por corpos), Geografia (diferentes corpos e interações com o meio ambiente), História (corpos e conceitos de corpo no tempo), entre outros.

Na interface com outras linguagens artísticas a dança cria a perspectiva de introduzir elementos estruturadores ou inspiradores da criação. Imagens (artes visuais) e sons (música) podem ou não estar presentes no ato de dançar; escolhe-se que música dançar, ou que imagens de pintura, escultura, vídeo devem ser trabalhadas nas danças criadas. Do mesmo modo, é possível inserir textos nas danças, trabalhando-os como elementos cênicos (relações com a linguagem teatral) ou poéticos (relações com a área de literatura).

A interdisciplinaridade também é possível quando são apreciadas danças já prontas (repertórios): Como trabalham a música (sons)? Que imagens evocam? Que objetos cênicos utilizam (artes visuais)? Quais os elementos textuais presentes na dança (teatro e literatura)?

Compreender, analisar, perceber as relações entre as linguagens artísticas,

na própria dança, possibilita também relacionar esses elementos com seus contextos histórico-culturais e, assim, propiciar um engajamento na dança com mais consciência.

## Objetivos do trabalho com dança

Conhecer, perceber e trabalhar de forma artística e estética com o corpo, por meio da dança, faz com que sejam estabelecidas novas formas de viver e de construir a sociedade. No Segundo Segmento da EJA, a dança deve contribuir para que o aluno seja capaz de:

- situar e compreender as relações entre as escolhas de movimento (corporais) das diferentes manifestações de dança e estabelecer relações com vivências sociais cotidianas;
- criar, interpretar e apreciar corporal e verbalmente as diversas formas de manifestação de dança, desde as populares às teatrais, construindo relações de cooperação, respeito e valorização da diferença;
- estabelecer diálogo verbal e corporal entre as danças tradicionais e as atuais, incluindo as danças das festas e da mídia, estabelecendo pontes entre os diferentes tempos históricos e sociais.

## Conteúdos

Diferentemente de outras atividades corporais cotidianas, o corpo na dança está voltado para a construção e a interpretação artísticas, ou seja, para a possibilidade de ver, sentir, agir e apreciar o mundo de forma estética. Assim, a dança traz para o aluno a possibilidade de interagir corporalmente com o mundo, de forma crítica e consciente.

**Fazer** – Na dança, o fazer artístico tem uma peculiaridade, por exemplo, se faz dança com os próprios corpos, ou seja, a dança é a própria pessoa, e não algo separado como um quadro, uma escultura, um vídeo. Ao se trabalhar o corpo para aprender uma dança já pronta (aprendizado de *repertório*, como o das danças populares brasileiras, da dança moderna americana etc.) ou para criar a própria dança (*improvisação e composição* em dança), os corpos estão diretamente envolvidos, imprimindo, assim, suas marcas pessoais, culturais e sociais. Por exemplo, sabe-se que as pessoas de estatura, peso, gênero, etnia diferentes criarão e interpretarão danças de formas totalmente distintas. Da mesma forma, corpos com preparo físico direcionado ou não para a dança, isto é, as *técnicas* de consciência corporal e estilos específicos, apresentam

danças com qualidades distintas. O fazer artístico consciente, crítico, desvelador dos limites e das possibilidades corporais está diretamente relacionado à forma de interagir em sociedade. Repousa aí uma das grandes contribuições dessa linguagem artística para a construção da cidadania: perceber, sentir e entender o trabalho artístico e estético do próprio corpo que atua diretamente na sociedade.

**Apreciar** – Da mesma forma, a apreciação em dança envolve o corpo, como em outras linguagens artísticas. Na dança, no entanto, essa relação é mais direta. Aquele que já teve alguma experiência na área de dança, ou seja, cujo corpo tem referenciais de possibilidades de dança, estabelecerá outro tipo de relação com aquilo que está sendo assistido. As relações de empatia, rejeição, gozo, dor, aflição, deleite são diretamente estabelecidas entre o corpo do apreciador e os corpos dos intérpretes da dança. Ou seja, referenciais pessoais do corpo em movimento são trazidos e diretamente conectados com o corpo do outro que dança. Assim, o imaginário criado e recriado no universo da apreciação em dança repousa sobre fonte bastante concreta: as experiências *corporais* estéticas. Quanto mais experiências de apreciação de manifestações múltiplas da dança, maiores serão as oportunidades de exercitar o senso crítico, de conhecer os valores culturais e estéticos, a fim de fundamentar as escolhas e os juízos de valor.

**Contextualizar** – Os conteúdos voltados para a contextualização em dança também têm suas especificidades centradas no corpo e nas construções artísticas ao longo dos tempos. Compreender a história do corpo, em sociedade, e as construções coreográficas ao longo da história da dança permite traçar as relações entre as diversas razões pelas quais as pessoas dançaram e dançam. Pessoas e grupos sociais com diferentes etnias, nacionalidades, idades (portanto, corpos) compõem danças distintas entre si. Compreender essas danças sob seus aspectos sociológicos, antropológicos, sociais e estéticos amplia o fazer artístico, redimensionando-o, ou seja, insere a dança da escola na sociedade como um todo.

## Organização dos conteúdos

### Fazer

- Preparação técnica do corpo para poder dançar.
- Elementos que compõem o movimento como peso, espaço, corpo, ações.
- Danças populares e teatrais conhecidas por meio da tradição.
- Criação de movimentos e danças: improvisação e composição.
- Repertórios de danças populares, teatrais e midiáticas.

### Apreciar

- Descrição verbal do movimento e da dança.
- Registro dos movimentos e das danças por meio de símbolos ou verbalmente.
- Interpretação pessoal e coletiva das danças.
- Julgamento crítico.

### Contextualizar

- O papel e a presença do corpo na dança em diferentes épocas.
- Diferentes estilos de dança e as relações com épocas e povos.
- Características e contextos sociopolíticos e socioculturais das manifestações de danças populares.

## Música na EJA

A música faz parte de vários momentos importantes da vida das pessoas: lembra um caso de amor, evoca um momento de tristeza ou outros felizes, embala o sono e os sonhos, anima, faz chorar, emociona, dá luz às dificuldades, movimenta o corpo, faz dançar, rir, mobiliza, eterniza um momento, ajuda a compreender uma determinada situação, lembra alguém, inspira, mexe com o coração, reequilibra, suaviza, dá saudade. Como seria a vida sem música?

A música faz parte da vida da maioria das pessoas. Como não inserir na escola essa forma de arte tão ligada ao cotidiano? Mergulhar na música enquanto “linguagem de expressão e comunicação” significa aumentar o vínculo que as pessoas já têm com ela.

Entre jovens e adultos, alguns já sabem cantar uma série de canções, conhecem e sabem reproduzir ritmos, nacionais ou internacionais, sabem dançar. Outros são capazes de tocar um ou outro instrumento musical. Enfim, existe um conhecimento a partir do qual é possível e necessário trabalhar música na educação de jovens e adultos.

No cotidiano, o aluno tem contato com a arte musical como **produto**. E são grandes suas surpresas quando entra em contato com o **processo** de criação e ele desvela os mistérios da estrutura musical e seus elementos básicos (melodia, ritmo e harmonia). Isso quer dizer que é possível ampliar, organizar o conhecimento existente, articulá-lo com conhecimentos de outras linguagens da Arte e também de outras áreas.

A musicalidade do aluno sempre está presente, e precisa ser aproveitada: para isso, se destaca o trabalho do professor no desenvolvimento da linguagem



musical do jovem e do adulto que chegam à escola, muitas vezes manifestando timidez e vergonha para se expor ao cantar diante dos outros. Entretanto, a musicalidade dele está lá, e é somente a partir dela que é possível realizar um trabalho de educação musical autêntico, consistente e sintonizado com suas características pessoais.

O professor pode lidar com essas dificuldades e ampliar o repertório musical do aluno, que quase sempre é restrito, aumentando as possibilidades de absorção da arte musical como um todo, se souber equilibrar os três eixos de aprendizagem: *fazer artístico, apreciação e contexto histórico*.

**Fazer** – O fazer, a criação musical, é fundamental para o aluno da EJA. Consiste em experimentar os sons do corpo, da voz, dos instrumentos, de objetos sonoros, entre outros descobertos por ele. Quando tem possibilidade de compor musicalmente (ritmos, melodias), desenvolver arranjos musicais e executá-los, com frequência o aluno revela, no brilho dos olhos, a felicidade de constatar que a arte musical está a seu alcance, e que ele pode desenvolvê-la. Ao mesmo tempo, a criação musical mexe com a sua sensibilidade e requer uma atenção para o equilíbrio entre ouvir-se e ouvir o outro, uma vez que as situações do fazer se dão quase sempre no plano coletivo. Em tais práticas, esse equilíbrio é condição para que a música exista, para que seja gerada uma obra, e o aluno perceba isso.

O processo de criação, na verdade, propõe ao aluno rever suas atitudes e valores diante do outro e diante de si mesmo. Assim, a música proporciona momentos de autoconhecimento. Essa criação também envolve pesquisa e exploração sonora, o que favorece a sensibilização dos alunos da EJA para a importância de diversos sons dentro da música. O aluno pode, nas aulas de música, compor paisagens sonoras,\* produzindo os sons mais presentes em seu cotidiano (sons da cidade, das festas, das feiras, da estação de trem, sons da chuva). Aí está, entre tantas outras, a contribuição da música para o conhecimento do mundo e de seus sons, e o desenvolvimento de uma cultura estética, gerada a partir do momento em que os alunos abrem seus ouvidos para escutar melhor todos os sons e aplicá-los na criação, na interpretação e na improvisação musical, sem preconceitos. É uma escuta que, com a ajuda e interferência do professor, possibilita ao aluno estabelecer relação, por exemplo, com os sons de percussão tão presentes na música instrumental contemporânea.

Além disso, essa sensibilidade reverte também para uma maior atenção

---

\* "Paisagem sonora", tradução do termo *soundscape*. Tecnicamente, qualquer parte do ambiente sonoro é tomada como campo de estudo. O termo pode referir-se tanto a ambientes reais quanto a construções abstratas, tais como composições musicais ou montagens em fita, particularmente quando consideradas como um ambiente (ver Schafer, 1986).

ao meio ambiente sonoro em que vivem, tornando os alunos mais críticos às situações de “caos sonoro”, de “poluição sonora” existentes principalmente nas grandes cidades. Somando-se à situação do alto volume dos sons, estão as conseqüências dessa poluição na saúde dos jovens e adultos. Neste sentido, a música pode desenvolver no aluno uma atitude de cidadania. As perguntas: “Como posso tornar o meio ambiente mais saudável sonoramente?” ou “Como posso melhorar a qualidade de vida sonora no meio ambiente em que vivo?” passam a ser questões importantes de cidadania.

**Apreciar** – A apreciação se destaca no processo de conhecimento musical dos alunos da EJA, que em geral possuem um repertório restrito ao que ouvem nos meios de comunicação. Mas costumam ter grande interesse em escutar novos gêneros, ritmos e formas musicais. A consulta feita junto às secretarias de educação do país revelou que a maioria dos professores utiliza vídeos e aparelhos de som em sala de aula e que, de maneira geral, participa de manifestações artísticas e musicais nas cidades onde vivem. Vale a pena investir em determinadas atividades, na sala de aula, que envolvam momentos de apreciação de músicas. O professor deve levar os alunos, sempre que possível, para assistir uma apresentação musical ao vivo. Nessa ampliação de repertório dos alunos, que pode ser propiciada não só por momentos de apreciação em apresentações musicais, mas também pela simples audição com equipamentos sonoros, certamente se abre um mundo novo.

Os gêneros e estilos musicais do universo da música nacional e internacional, em obras de diferentes culturas e etnias, constituem um universo a desvendar e a fruir. São os movimentos, os estilos, que formam o grande patrimônio musical da humanidade, com seus autores, vidas e obras. Esse é um vasto material para o fazer musical dos alunos, inspirando, na arte de criar, a interpretação, a improvisação e a composição.

Há que se garantir ao aluno a apreciação de outros tipos de música, como a instrumental, por exemplo, na qual os sons falam por si. Não há uma representação explícita em uma letra de música. Deve-se pensar nos instrumentos utilizados, na variação dos timbres, alturas e outros parâmetros sonoros, além dos símbolos que representam as idéias musicais. Na verdade, boa parte dos alunos da EJA dá mais atenção ao gênero canção, mesmo que nem sempre entenda o sentido das letras. Percebem melhor a melodia presente na voz do que aquela que se expressa por um instrumento musical, seja qual for.

**Contextualizar** – Ao investigar uma determinada obra musical, é muito interessante localizá-la no tempo e no espaço onde surgiu, seu contexto histórico

e geográfico. A contextualização ainda envolve a reflexão sobre as músicas que os alunos escutam e produzem e a sua relação com as estratégias da indústria cultural; afinal, o aluno produz música influenciado pelo ambiente sonoro que o cerca e pela cultura sonora da qual faz parte.

Nesse sentido, é preciso pensar no bombardeio veiculado pelos meios de comunicação (rádio, televisão etc.), que influenciam e são influenciados pelo consumo. Normalmente, qualquer música da moda vem acompanhada de mudanças de valores (modo de vestir, uma dança nova etc.). Na aula de música, além da possibilidade de ouvir o que há de novo, procura-se criar espaços de discussão e reflexão, por exemplo, sobre a qualidade musical em questão, adotando uma postura crítica em relação aos mecanismos da indústria cultural, recíprocas influências entre mídias e público, e movimentos diferenciados de grupos envolvidos, principalmente de jovens.

No início do século 20 a presença da música na escola era pequena, mas o panorama foi mudando, à medida que surgiam movimentos com novas propostas. A sistematização do canto orfeônico liderada por Villa-Lobos, a partir dos anos 30 e 40, passou a marcar o ensino de música na escola.

Em 1961, a legislação substituiu o canto orfeônico pela Educação Musical. Propostas trazidas por meio da iniciação musical e da musicalização, pensadas e elaboradas para o público infantil, ampliaram o projeto de Educação Musical, procurando introduzir o aluno no ensino de música de forma prazerosa e lúdica.

Refletindo as mudanças dos fundamentos filosóficos e pedagógicos do ensino de música, novas práticas nas escolas foram sendo introduzidas nas últimas décadas do século 20, com atividades de exploração sonora e oficinas de música, ressaltando a importância de se trabalhar o som como base da linguagem musical.

Hoje se enfatiza a importância de inserir na escola o prazer de criar musicalmente; para isso, o professor precisa colocar sua energia, seu empenho e seu saber a serviço da tarefa de proporcionar, com o trabalho musical, momentos significativos de expressão pessoal, autoconhecimento, conhecimento do mundo e aumento da auto-estima do aluno. Inserir o prazer de criar musicalmente nas escolas é valorizar, no dia-a-dia da sala de aula, o poder de transformação possibilitado pelas atividades musicais.

## Objetivos do trabalho com música

- Alcançar o desenvolvimento musical, entendendo e praticando os elementos da linguagem musical – ritmo, melodia e harmonia – como meios de expressão e comunicação.
- Desenvolver a percepção auditiva, a imaginação e a memória musical.
- Fazer uso de formas de registro sonoro, convencionais ou não, na grafia e

leitura de produções musicais próprias ou de outros.

- Utilizar e cuidar da voz como meio de expressão e comunicação musical.
- Interpretar e apreciar músicas de variados gêneros e estilos construídos pela humanidade no decorrer de sua história, nos diferentes espaços geográficos.
- Pesquisar, explorar e praticar (improvisando, compondo e interpretando) sons de diversas naturezas e procedências.
- Conhecer, apreciar e valorizar as diversas culturas musicais, especialmente as brasileiras, estabelecendo relações entre a música produzida na escola, as veiculadas pelas mídias e as que são produzidas individualmente e/ou por grupos musicais da localidade e região.
- Discutir e refletir sobre as preferências musicais e influências do contexto sociocultural.
- Desenvolver maior sensibilidade e consciência estética diante do meio ambiente sonoro.
- Adquirir conhecimentos sobre profissões e profissionais da área musical.

## Conteúdos

- Percepção e utilização dos sons e seus parâmetros (altura, duração, intensidade, timbre), por intermédio de experiências pessoais e de grupo, com improvisação, composição e interpretação, respeitando a produção própria e a dos colegas.
- Improvisação, composição e interpretação desenvolvendo percepção auditiva, imaginação e memória musicais.
- Experimentação, improvisação e composição, a partir de propostas da própria linguagem musical, dos sons do espaço circundante (bairros, ruas, cidades), textos, percepção visual, tátil e do meio sociocultural (festas populares).
- Construção de instrumentos musicais convencionais (dos mais simples) e não-convencionais a partir da pesquisa de diversos meios, materiais e conhecimentos básicos de ciências físicas e biológicas aplicadas à música.
- Criação, a partir de instrumentos construídos e/ou convencionais, do canto e de materiais sonoros os mais diversos, utilizando os elementos da linguagem musical.
- Criação de arranjos, acompanhamentos, interpretação de músicas de culturas populares brasileiras e do patrimônio musical construído pela

humanidade, pelos diferentes povos, culturas e etnias.

- Criação e interpretação de *jingles*, trilhas sonoras ouvidos no dia-a-dia, bem como de criações dos movimentos musicais com os quais os jovens e adultos se identificam.
- Audição, experimentação, exploração e escolha de sons vocais, cantos, empregando-os individualmente ou em grupo, em criações e interpretações.
- Elaboração e leitura de trechos simples de música grafados de modo convencional e/ou não convencional.
- Apreciação significativa em música: escuta, envolvimento e compreensão da linguagem musical.
- Apreciação, comparação, identificação de músicas do próprio meio sociocultural, nacionais e internacionais, pertencentes ao acervo construído pela humanidade em diferentes tempos e espaços.
- Percepção, identificação e comparação de diferentes músicas quanto aos elementos da linguagem musical: estilo, forma, motivo, dinâmica, textura, timbre, andamento.
- Audição de músicas brasileiras de várias vertentes e as influências que se estabelecem entre elas e as músicas internacionais.
- Participação, sempre que possível, em apresentações de músicas regionais ao vivo, nacionais e internacionais; músicas das culturas populares, étnicas, do meio sociocultural, incluindo fruição e apreciação.
- Discussões sobre as próprias produções e/ou de seu grupo sociocultural, apreciando-as, observando semelhanças, diferenças, características e influências recebidas, desenvolvendo o espírito crítico.
- Considerações e comparações sobre usos e funções da música no cotidiano e sobre o repertório consumido pelos alunos: o mercado cultural (indústria de produção, distribuição e formas de consumo); a estética e os diferentes estilos musicais presentes na música; a globalização; a formação do gosto musical.
- Reflexões sobre os efeitos causados na audição, no temperamento, na saúde e na qualidade de vida por hábitos como o de ouvir música em volume muito alto, bem como pela poluição sonora do mundo contemporâneo.
- Discussão sobre a prevenção, cuidados e mudanças necessárias nas atividades cotidianas.
- Identificação e discussão sobre as funções desempenhadas por músicos tais como cantor, regente, compositor de *jingles* para comerciais, guitarrista de uma banda de *rock*.
- Encontros com músicos e grupos musicais da localidade e região para discutir interpretações, técnicas e mercado de trabalho.

## Produção cultural e histórica

- Pesquisa, reflexões e discussões sobre origem, transformações e características de diferentes estilos e movimentos da música brasileira.
- Conhecimento e adoção de atitudes de respeito pelas músicas produzidas por diferentes culturas, povos, sociedades, etnias: na contemporaneidade, nas várias épocas, analisando usos, funções, valores e estabelecendo relações entre elas.
- Observação e discussão das apropriações e reelaborações ocorridas nas músicas do cotidiano e do meio sociocultural no decorrer dos tempos.
- Comparação e reflexão sobre o valor e a função da música de diferentes povos e épocas, bem como ter um posicionamento crítico sobre discriminação de gêneros, etnias e minorias na prática da interpretação e criação musical.
- Contextualização no tempo e no espaço; as paisagens sonoras de diversos meio ambientes.
- Reflexão e posicionamento quanto a causas e conseqüências da qualidade atual do ambiente sonoro, sugerindo melhorias.

## Desenvolvimento da linguagem musical

Para desenvolver a linguagem musical, é preciso trabalhar os conteúdos nos três eixos: fazer, apreciar e contextualizar. É importante enfatizar, particularmente, o fazer (criar) musical, pois é a partir dele que se origina um movimento geral na sensibilidade do aluno, uma possibilidade de despertar para a arte musical. Mas isso não significa excluir do aprendizado musical o convite para que o aluno aprecie peças musicais que nunca escutou e que fazem parte do patrimônio da humanidade, em uma experiência que contribuirá para sua criação musical, além de propiciar-lhe maior prazer na escuta de obras musicais.

Por outro lado, na medida em que o professor motiva o aluno para pesquisar e entender o contexto histórico da criação musical de obras dos mais variados gêneros e estilos, nos mais diversos espaços geográficos, contribui para que se veja a música como uma produção de seres humanos dedicados à arte musical, pessoas que não são diferentes deles, os alunos.

Enfim, é preciso articular os três eixos, não se esquecendo de propiciar aos alunos a possibilidade de fazer música: cantar, tocar, improvisar, criar, interpretar, experimentar o inventar musical, buscar dentro de si mesmos ritmos, melodias e outras tantas idéias musicais. É justamente no ato da criação musical que o aluno se mobiliza e desperta para aspectos mais gerais da música.



## Teatro na EJA

Representar, poder recriar a realidade em que se vive e ampliar ou transcender os limites, são as maiores contribuições do aprendizado de teatro. Aliás, o jogo de representar papéis – o simples e lúdico ato de brincar de faz-de-conta – é um importante instrumento na formação de uma pessoa. Observando uma criança quando brinca esse jogo, nota-se como elabora e organiza o seu pensamento para compreender o mundo que a cerca. Pode-se, assim, entender o faz-de-conta como um exercício da mente que serve para operar e promover o desenvolvimento criativo, intuitivo e cognitivo. Por meio da representação de papéis e de situações criadas por seus participantes, o jogo de representar procura refletir uma realidade dinâmica, humana e social.

Não muito distante do jogo infantil, espontâneo e natural na criança, o teatro adulto traz em sua essência a intenção de organizar uma reflexão com a palavra, com o corpo em movimento num espaço, utilizando todos os sentidos humanos. O jogo teatral busca a expressão de sentimentos, idéias ou reflexões sobre a vida, na forma de ações dramatizadas, a serem apresentados a uma platéia. Assim, difere do jogo infantil na procura, na intenção de ser representativo para uma comunidade. Torna-se arte cênica quando vira produto trabalhado e estudado que, todavia, exige a ação constante – exige suor – de se fazer e refazer, para melhor compreender aquilo que se quer apresentar.

Com normas e regras que delineiam uma estética, um espetáculo de teatro elaborado organiza-se dentro de uma linguagem dramática estabelecida entre os atores e a platéia. Por meio de representações simbólicas (apreendidas, imaginadas e interpretadas pelos espectadores), personagens agem num contexto de papéis sociais envolvidos em conflitos de interesses. Os encenadores buscam provocar um comportamento, uma atitude de envolvimento e de reconhecimento do espectador àquela realidade imaginada e encenada, favorecendo, assim, uma reflexão que exige uma tomada de posição com respeito ao conflito dramático e a solução do desfecho da trama apresentada. Dessa maneira, os criadores expressam suas posições e seus valores, que são interpretados e reelaborados pela platéia.

Assim, o professor de teatro na educação de jovens e adultos poderá encontrar no processo de fazer e apresentar uma peça teatral com os alunos um rico trabalho de aprendizado dos diferentes estilos e convenções dessa arte, bem como discutir valores, ética, vida íntima, o emocional de cada um do grupo e da comunidade. A dinâmica de um processo de elaboração e a vivência da apresentação de um espetáculo criado por um grupo são potentes instrumentos para cada participante – seja ele ator ou espectador – adquirir

maior autoconfiança, desenvolvida dentro de um jogo de papéis.

Em meio a uma situação coletiva, a ação individual solta, espontânea, que o fazer teatral impõe a cada praticante é um rico material de pesquisa para a compreensão do tema ou texto escolhido. A diversidade de experiências de vida existente num grupo de alunos da EJA proporciona inúmeras maneiras de ver e entender a mesma situação estudada, enriquecendo o trabalho.

*Trabalhar com teatro em EJA promove o autoconhecimento e valoriza a auto-estima do aluno.*

Com isso, trabalhar com teatro na educação de jovens e adultos propicia um aprendizado com diferentes estímulos e formas de pesquisa, em que a crítica, a autocrítica e o autoconhecimento são elementos essenciais. Portanto, é uma excelente forma de promover o autoconhecimento e valorizar a auto-estima, pois o saber de vida do aluno é a matéria-prima da atividade pedagógica.

A prática do teatro, em atividades similares às experiências lúdicas de lazer e diversão do universo cultural da classe, pode favorecer o fortalecimento da auto-imagem do aluno. Trabalhar com o aluno como ele é, respeitando seu ritmo; questionar e refletir como se dá seu aprendizado; não forçá-lo e, sim, estimulá-lo em relação a atividades que sejam realmente significativas para ele devem ser procedimentos habituais da ação educativa.

Ao propor atividades, é importante garantir o caráter lúdico do jogo teatral – sem o lado prazeroso, o jogo perde o sentido coletivo de comunhão, inerente a ele. Faz parte do ritual de qualquer jogo o momento de repartir a alegria e os prazeres dos participantes: de uma simples risada, passando pelos aplausos de uma platéia em delírio, pelos brados de “bravo!”, ou, radicalmente, pelo êxtase do gol vitorioso do seu time de futebol. O prazer é fundamental. Somente com esse elemento garantido e assegurado em sua prática teatral o aluno conseguirá romper preconceitos e bloqueios – se houver – com relação a essa arte, e conseguir, de fato, construir sua formação artística e estética.

O caráter coletivo da prática teatral ajuda a conquistar e fortalecer a identidade de um grupo. Inserir o aluno jovem e adulto no jogo teatral amplia sua capacidade de comunhão, reflexão, descoberta, diálogo e negociação. Assim, renovam-se suas idéias sobre a vida, atitudes, sentimentos e, conseqüentemente, favorecendo sua inserção no mundo e sua compreensão da sociedade em que vive. Em outras palavras: transforma sua auto-estima, que é revalorizada e estimulada no jogo lúdico e atua como elemento catalisador do aprendizado. O seu saber adquirido na vida, além de valorizado, é objeto de estudo, aprimorado em cada cena, em cada exercício prático, em cada ação ou reflexão de apreciação realizada pelo grupo.

Por ser uma arte realizada em grupo que envolve os praticantes em inúmeras

experiências de resolução de problemas objetivos, estéticos ou de relações humanas, o teatro se transforma, nas escolas da EJA, em um “laboratório” da vida e, mais do que isso, em um espaço livre para a confrontação, o diálogo e a representação simbólica de questões éticas, como justiça e solidariedade.

Desde os antigos rituais e festas comunitárias, até os dias de hoje – no carnaval, no bumba-meu-boi, no congado ou reisado –, o teatro ganha forma com a realização de representações simbólicas, para uma platéia, sobre um conflito humano. Além de promover a representação de teatro dos seus alunos em sala de aula, a escola de jovens e adultos deve abordar, estudar e contextualizar as manifestações teatrais da forma mais ampla possível. É preciso também estimular a compreensão e a pesquisa dos diferentes momentos da história dessas manifestações, relacionadas, dentro do possível, à época e aos aspectos culturais de seus realizadores.

Outra preocupação do professor consiste em formar espectadores de teatro, criando oportunidades e incentivando a ida dos alunos ao teatro. Esse tipo de atividade favorece o conhecimento de outras realidades socioculturais e étnicas, de crenças, hábitos e modos de agir de diferentes povos ou culturas.

O teatro desempenha um importante papel na educação de jovens e adultos, propiciando a reflexão, o entretenimento e a participação social e cultural mais ampla.

## O desenvolvimento do aluno em teatro

Teatro é uma arte, essencialmente, de ação que se faz “ao vivo”; um elaborado jogo de faz-de-conta. Nesse sentido, requer atitudes, ações, tanto de quem faz e representa, quanto de quem assiste e aprecia: são fundamentais a atenção e a concentração naquilo que está sendo imaginado e dramatizado em cena. Da platéia se espera a cumplicidade na interpretação do que está sendo apresentado e uma atitude de respeito e compreensão aos sentimentos manifestos em cena. Aquele que pratica o jogo, o ator, necessita agir com consciência de seu desempenho e de sua performance.

Os conteúdos do trabalho com teatro na EJA dizem respeito a comportamentos, atitudes, posturas diante do trabalho. Ao jogar, ao analisar ou ao contextualizar o jogo teatral, o aluno se coloca diante da maneira como age, como se relaciona com sua emoção e seu saber. Fazer improvisações, atuações, leituras em voz alta, experimentações, pesquisas, avaliações, divulgações são ações que promovem e ajudam no desenvolvimento pessoal, íntimo, afetivo do aluno, além de envolver a auto-estima.

Uma prática sistemática de jogos dramáticos em sala de aula contribui para desenvolver e ampliar o conhecimento dessa arte. Para isso, é preciso

que o professor deixe claros os objetivos a serem alcançados e permita ao aluno fazer sua auto-avaliação e ser avaliado pelo grupo. Esta pode ser uma prática rotineira:

- apresentar o jogo e seus objetivos;
- realizar a atividade;
- avaliar a performance do grupo: progressos, retrocessos, desafios, sucessos.

A avaliação pode ajudar a compreender as convenções e os procedimentos exigidos pelo teatro. Ao sistematizar o que o grupo observou e estimular a expressão das opiniões de todos, o professor contribui para a construção do grupo de trabalho e enriquece o repertório estético dos alunos.

É importante, também, destacar que ao realizar jogos dramáticos na sala de aula o professor terá elementos para trabalhar a relação palco-platéia/atuantes-espectadores, se dividir a classe entre aqueles que fazem e os que assistem. Tal prática, além de enriquecer as avaliações com diferentes pontos de vista dos observadores (o professor e o grupo), dará novas referências para o comportamento do aluno, tanto no palco como no seu comportamento na platéia.

A elaboração de roteiros, adaptações, criações de enredos pelos alunos, aliada à prática de encenações dessas produções, representa grande estímulo para o aluno escrever, ler e melhorar sua relação com a escrita. Fazer com que ele escreva, coloque-se no papel do outro, pensando como a personagem, pode desenvolver a capacidade poética, de expressão por meio da escrita. É um excelente exercício trabalhar uma personagem com os seus motivos e interesses, dentro de um determinado conflito dramático, por exemplo.

Trabalhar com textos da dramaturgia brasileira e universal, além de promover o conhecimento dos diferentes estilos e gêneros teatrais, traz inúmeros proveitos pedagógicos. Por exemplo: fazendo leituras e encenações de textos para teatro, o aluno da EJA poderá estabelecer contato entre o texto oral – com o qual, geralmente, tem maior domínio – e o texto escrito. Ler e falar – de maneira natural e espontânea – o que será dito por uma personagem de uma peça bem escrita ajuda o aluno a compreender as regras e as normas da escrita.

Quanto à apresentação de peças teatrais por alunos da EJA, é importante o professor refletir sobre o desafio que isso significa e a potencialidade que essa prática oferece. A primeira questão remete à necessidade de haver no grupo o desejo para isso: não há arte quando não

existe a intenção de expressar algo. Por isso, o professor deve respeitar e esperar o tempo de amadurecimento do grupo e saber o que fazer para encenar. Procurar um texto que se considere adequado, ou mesmo criá-lo, pode oferecer ao professor a oportunidade de um excelente momento pedagógico de reflexão sobre temas variados.

*Assistir a peças teatrais em outros espaços ou na escola pode promover o desejo e o hábito de participar da vida cultural e frequentar espetáculos.*

A segunda questão se refere à necessidade de o professor agir como um coordenador do trabalho, contemplando a diversidade dos elementos da linguagem teatral – ação, movimento, voz, corpo, conflito dramático, enredo, texto, iluminação, cenário, sonoplastia, figurino, divulgação, projeção, maquiagem, máscaras etc. A complexidade da linguagem pode se tornar uma armadilha e chegar a confundir: quem está fazendo a peça, o professor ou o grupo? É comum que, no impulso de “ajudar”, alguns professores acabem fazendo o trabalho principal e resolvendo os problemas que envolvem uma apresentação, sem a efetiva participação e aprendizado dos alunos. Ampliar o repertório e desenvolver uma elaboração mais apurada do trabalho é obrigação de todo professor, mas é preciso levar em conta a necessidade de desenvolver a autonomia e de respeitar as capacidades do aluno.

Para que o professor consiga ampliar o repertório artístico e estético do aluno, efetivamente, é preciso que ele incentive e promova a ida às casas de espetáculo da região ou a apresentações em espaços acessíveis aos alunos. Assistir a peças teatrais em outros espaços ou na escola pode promover o desejo e o hábito de participar da vida cultural e frequentar espetáculos. Quando a escola sai de seus muros para assistir a um espetáculo, ou quando traz um grupo de teatro para se apresentar, a noite é de gala, e legítima para o aluno sua inclusão no mundo do teatro. Mais que sua inserção social e cultural na comunidade em que vive, tais práticas servem de alimento e inspiração para suas realizações na sala de aula. Quando não há possibilidade de promover tal tipo de atividade, o professor de teatro pode recorrer a vídeos ou filmes, que também contribuirão para o exercício da apreciação e da contextualização teatral.

O campo de ação pedagógica do teatro é tão vasto e ilimitado quanto seus conteúdos. Basta ao professor encarar tal tarefa educativa e – além de toda sua criatividade e empenho – trabalhar da mesma forma que espera do seu aluno. Ou seja: estudando. Encontrará, assim, em seus velhos e novos conhecimentos adquiridos e na interação com o saber e as necessidades do aluno, os rumos adequados para o desenvolvimento do seu trabalho.

## Objetivos do trabalho com teatro

- Compreender o teatro em suas dimensões artística, estética, histórica e sociológica.
- Compreender os conflitos na organização dos papéis sociais, em relação aos gêneros (masculino e feminino) e contextos específicos como etnias, diferenças culturais, de costumes, crenças e hábitos, para a construção da linguagem teatral.
- Improvisar com os elementos da linguagem teatral.
- Pesquisar e otimizar recursos materiais disponíveis na própria escola e na comunidade como prática das atividades.
- Desenvolver e empregar vocabulário adequado para a apreciação e caracterização dos próprios trabalhos, dos trabalhos de colegas e de profissionais do teatro.
- Acompanhar, refletir, relacionar e registrar a produção teatral realizada na escola e na comunidade e as diferentes manifestações dramáticas veiculadas pelas mídias.
- Reconhecer a prática do teatro como tarefa coletiva de desenvolvimento da solidariedade social e, ao participar da atividade teatral na escola, estabelecer relação de respeito e compromisso com o trabalho de todo o grupo e com o próprio trabalho.
- Conhecer sobre as profissões e seus aspectos artísticos, técnicos e éticos, e sobre os profissionais do teatro.
- Conhecer a documentação existente nos acervos e arquivos públicos sobre o teatro e sua história.
- Conhecer e distinguir diferentes momentos da história do teatro brasileiro e universal, os aspectos estéticos predominantes, a tradição dos estilos e a presença dessa tradição na produção teatral contemporânea.

## Conteúdos

### A prática do teatro como comunicação e reprodução coletiva

- Participação em improvisações, atenta e coerente com o jogo coletivo para criar cenas, buscando caracterizá-las em diversos espaços cênicos e na representação de personagens.
- Participação entendendo e construindo seus aspectos sociais, culturais,



étnicos, de costumes, crenças, gêneros (masculino e feminino), usando o corpo e os sentidos para expressar e criar significados.

- Identificação e entendimento dos elementos fundamentais para a construção de uma cena teatral: atuantes/papéis, atores/personagens, estruturas das peças, roteiro/enredo, cenário.
- Exercício constante de observação do mundo em que vive, nos seus aspectos físicos e culturais, tais como: gestos próprios de indivíduos ou característicos de diferentes comunidades; de espaços; ambientes; arquiteturas; de sonoridades; de eventualidades e particularidades da própria cultura e de outras.
- Experimentação, pesquisa e criação com os elementos e recursos da linguagem teatral, como: maquiagem, máscaras, figurino, adereços, música, cenografia, iluminação e outros.
- Experimentação de construção de roteiros e cenas que contenham: enredo, história, conflito dramático, personagens, diálogo, local e ação dramática definidos.
- Experimentação na adaptação em roteiros baseados em histórias, notícias, contos, fatos históricos, mitos, narrativas populares de diversos períodos históricos e na atualidade.
- Experimentação, pesquisa e criação dos meios de divulgação do espetáculo teatral como: cartazes, faixas, programas e outros.
- Participação do próprio aluno, dos colegas, do grupo nos exercícios e apresentações sem distinções de sexo, idade, etnia, ritmos e temperamentos, favorecendo o processo entre os grupos da classe e com outros da escola ou da comunidade.

## **Teatro como apreciação**

- Reconhecimento e identificação da interdependência dos diversos elementos que envolvem a produção de uma cena: atuação, coordenação de cenas, cenário, iluminação e som.
- Reconhecimento da relação palco-platéia / atuantes-espectadores, com base nas atividades dos jogos teatrais e da organização das cenas.
- Observação e análise da necessidade de reformulação constante dos produtos das cenas, em função do caráter inacabado da cena teatral.
- Exercício constante de observação e análise diante das propostas e das cenas de colegas, manifestando-se de forma oral e escrita.

## Teatro como produto histórico-cultural

- Compreensão do teatro como atividade que favorece a identificação com outras realidades socioculturais.
- Pesquisa e compreensão dos diferentes momentos da história do teatro, de seus dramaturgos (autores de teatro), estilos, encenadores e cenógrafos.
- Reconhecimento e interação com a diversidade cultural: de crenças, hábitos, narrativas, visualidade (vestimentas, cenários), presentes no teatro das várias culturas; compreensão de formas teatrais regionais, nacionais e internacionais, esclarecendo tradições, características e modos de construção.
- Pesquisa e leitura de textos dramáticos, identificando suas estruturas, personagens, conflitos, estilos e gêneros teatrais.
- Observação e pesquisa do movimento teatral da comunidade, da cidade, do estado, do país e do mundo, para analisar o trabalho de atores, diretores e crítica.
- Consulta e levantamento de materiais relacionados à prática e ao estudo de teatro em centros de documentação, arquivos multimídias, acervos e bancos de textos dramáticos.

## Orientações didáticas

Ampliando as possibilidades de expressão e representação do mundo pelas linguagens visual, cênica, musical e da dança, a presença da Arte no cotidiano da escola se destina a auxiliar jovens e adultos a desenvolver processos criativos de pensar e produzir arte, exercitando a comunicação e a expressão e estabelecendo conexões com a produção artística da humanidade.

### Caminhos a percorrer

O eixo articulador do trabalho em Arte necessita integrar experiências coletivas, sociais e pessoais, quebrando resistências e procedimentos mecânicos que, por repetidas vezes, geram apatia na aprendizagem. Isso acontece quando os alunos são colocados na condição de meros reprodutores (tarefeiros), sendo negado a eles o direito da construção do seu conhecimento.

Alguns caminhos dos quais se procura fugir são aqueles que empobrecem o cotidiano do professor e do aluno, como os exercícios de imitação mecânica de modelos prontos, atividades fragmentadas, propostas que não levam em conta o aluno como pessoa capaz de desenvolver seu percurso artístico criador.

## Parcerias

O contato e as parcerias com instituições culturais podem desencadear processos diferenciados no ensino e na aprendizagem: participação em projetos, cursos de formação continuada, oficinas, *workshops*, palestras, encontros. Tais opções contribuem para que o professor busque novas saídas, ampliando o olhar em relação a suas possibilidades de trabalho. Segundo o levantamento de dados feito junto às secretarias estaduais de educação, já estão acontecendo avanços importantes na educação de jovens e adultos em relação a parcerias, com desdobramentos na sala de aula.

A parceria com museus, centros culturais, universidades, fundações, empresas, prefeituras e instituições ajuda a alimentar a criação artística e a formar o apreciador de arte, criando uma ponte entre diferentes âmbitos culturais.

## Projetos

Lidar com projetos pressupõe um modo de trabalhar, trazendo desafios a professores e alunos e criando novas possibilidades de pensar e agir, de forma a construir um conhecimento participativo.

Os projetos de trabalho traduzem reflexões e experiências em educação, redesenhando concepções e práticas educativas. O projeto não apresenta soluções ou respostas imediatas. Oferece um caminho que ajuda a repensar e recriar a escola, reorganizar o espaço, a gestão, o tempo e a relação entre professores e alunos.

Questões freqüentes ao se pensar em um projeto: *Ele deve partir do interesse dos alunos ou dos professores? Qual sua duração? Como planejá-lo? Quando termina? Como avaliá-lo?*

Um problema levantado pelos alunos ou pelos professores pode ser o ponto de partida para a construção de um projeto, desencadeando um processo de pesquisa e busca de informações, com o objetivo de definir melhor como pode ser planejado, desenvolvido e ampliado. Um projeto às vezes origina desdobramentos, ligando-se a novos temas ou problematizações que propiciam o desenvolvimento de novos projetos.

Um projeto também pode partir de objetos do cotidiano carregados de sentido, temas, assuntos de interesse veiculados pela mídia etc.

## Interlocução com a arte

Na construção da rede de saberes no ensino e aprendizado de Arte na escola, ou seja, nas relações entre o saber do professor e o saber do aluno, entra em cena o conhecimento que pode ser encontrado fora da escola – em museus,

teatros, praças, ruas, ateliês de artistas, feiras, centros culturais, monumentos, casas de cultura etc. Os lugares, as pessoas (público e artistas), os meios de divulgação, tais como televisão, vídeo, internet etc. e os trabalhos artísticos são instrumentos privilegiados do professor e do aluno no conhecimento e na fruição das artes.

A arte com frequência pode ser fruída mesmo em lugares não-convencionais, e sem a interlocução direta do artista. No encontro pessoal com pinturas, esculturas, peças de teatro ou de dança, músicas ou vídeos, estabelece-se a relação única e pessoal entre obra e espectador.

Dentro ou fora da escola, cabe ao professor propiciar conexões com o meio, o artista e o trabalho artístico, fazendo a ponte entre o conhecimento universal e o conhecimento desenvolvido em sala de aula.

## Materiais e mídias

Em Arte, são amplas as possibilidades de criação, não dependendo do uso exclusivo de materiais convencionais. Têm se mostrado eficazes propostas de trabalho baseadas na pesquisa e no aproveitamento de materiais existentes na comunidade ou região, valorizando os recursos locais e trazendo para a sala de aula elementos do meio ambiente.

Cabe ao professor a escolha dos materiais e mídias a serem utilizados no processo de ensino e aprendizagem: livros, fitas, vídeos, suportes etc., bem como computador, máquina fotográfica, gravador, câmera de vídeo etc.

Alguns artistas dão o exemplo da utilização criativa de materiais comuns. Frans Krajcberg encontrou a essência da sua produção entre árvores, aproveitando sobras das queimadas e denunciando assim a destruição das florestas. Vick Muniz escolhe materiais simples e inusitados para elaborar suas obras e compor suas imagens – açúcar, chocolate, molho de macarrão, barbante, arame etc. O grupo Uakti pesquisou e construiu com materiais inusitados os instrumentos musicais que utiliza – tubos de PVC, cabaças, vidro etc. Fernando Sardo integra música e artes plásticas, pesquisando e descobrindo novas estéticas e plasticidades na criação de instrumentos musicais e de esculturas sonoras.

## Contextos de atividade

O contexto do conhecer arte é o espaço da sala de aula, a escola com suas dependências, ruas e praças próximas, a cidade, a região, o mundo que chega pelos livros, imagens, CDs, fitas de vídeo, pela televisão e outras mídias. Partir desse espaço ampliado e procurar o contato presencial com a arte – a saída com os alunos e o encontro com artistas – estão entre as atividades que propiciam a criação artística.

## A escola vai a manifestações artísticas

Levar os jovens e adultos a eventos culturais, feiras, praças, ruas, centros de cultura, museus, galerias, teatros, locais de apresentações artísticas é fundamental para o contato direto com a arte e sua apreciação, além de desenvolver a autoconfiança e estimular os alunos a freqüentar espontaneamente esses locais. Assistir a um *show* de música ou de dança na praça pública, a um espetáculo de teatro, percorrer as salas de museus, ir a um concerto, sentar-se em um banco de praça e conversar sobre a escultura pela qual se passa todos os dias (sem se deter para olhá-la) são atividades que podem abrir caminhos para o universo da fruição e do prazer que o contato com a arte é capaz de proporcionar.

As saídas da escola envolvem também valores culturais, sociais e de lazer. O aluno da EJA, geralmente, transforma essas saídas em um grande evento, criando uma disponibilidade para aprender e desfrutar os conhecimentos que o contato com as manifestações artísticas e o convívio com colegas e professores lhe proporcionam. Criam espaços para o diálogo informal entre alunos e professores, para o desenvolvimento de relações afetivas da classe, criando situações de ensino e aprendizagem que contribuem também para a formação continuada do professor enquanto profissional e apreciador de arte.

A visita prévia ao local permite que o professor recolha informações contextualizadas sobre os artistas e as obras podendo assim, se for o caso, desenvolver em classe atividades com imagens, vídeos, livros, CDs, instigando o interesse e a curiosidade pela visita. O objetivo é tornar esse contato prazeroso. O prazer estético tem ligações com a vivência poética experimentada no encontro com a arte e com o universo de significados que se produz nessa experiência. Por isso, é fundamental saber escolher onde e quando ir, o que explorar em sala de aula e aguçar os sentidos para a experiência estética e artística.

É importante que o professor prepare um projeto, estabelecendo um roteiro de apreciação e registro do evento (durante a visita), tendo em vista os objetivos que pretende atingir, os conteúdos propostos, materiais e mídias a utilizar e maneiras de fazer com que a avaliação permeie todo o processo, do início ao fim.

Em sala de aula, o professor pode desenvolver muitas ações ligadas ao evento, de acordo com seu projeto educativo, compartilhando com os alunos as percepções, opiniões e análises críticas. Discutindo e levantando as diferentes formas de ver, pensar e conhecer o que viram, ouviram e

perceberam, o grupo pode desenvolver melhor seu percurso criador e sua relação com a arte.

Compartilhadas as idéias e as opiniões, podem ser programadas oficinas – uma forma interessante de trabalho, pois privilegia o fazer em arte e o trabalho em grupo. Independente da linguagem artística escolhida, o professor pode estabelecer conexões com as demais linguagens artísticas e/ou outros componentes curriculares. Resignificar o contato direto com a obra de arte é fundamental para a construção do conhecimento, quando o aluno pode aumentar seu repertório pessoal, inventar e reinventar suas descobertas.

## **Encontros com artistas**

Propiciar encontros com profissionais da arte ajuda o aluno a compreender mais intimamente o processo de trabalho artístico. Esses encontros podem se realizar trazendo o artista na escola (quer seja ele pintor, dançarino, cantor, instrumentista, ator), onde os alunos têm a oportunidade de conhecer seu trabalho e com ele dialogar. Os encontros também podem ser agendados nas saídas com os alunos, após a apresentação de um espetáculo de dança, durante uma exposição de artes visuais, ou em visitas a ateliês ou oficinas.

O professor deve preparar os alunos para que perguntem, se aproximem e estabeleçam diálogo, buscando deixá-los seguros e confiantes, para que o encontro seja proveitoso e agradável. É importante que o aluno da EJA desvele o mistério que envolve talento e inspiração, que perceba que são frutos de um trabalho, passíveis de formação, educação e empenho. E, sobretudo, entenda que arte é trabalho, que a arte é mágica.

## **O saber do aluno**

Por ser um jovem, ou um adulto, o aluno da EJA traz consigo formas, estilos e estéticas delineados e influenciados por sua vivência social, familiar ou profissional. A cada realidade corresponde um tipo de aluno, com vivências diversas, responsabilidades sociais, valores éticos e morais definidos. Muitos, aliás, já desenvolvem atividades artísticas, como os que integram, em diferentes regiões do país, ricas manifestações da cultura popular como a literatura de cordel, o teatro popular, o cancionero regional, os repentes, festas populares e religiosas. É importante que o professor valorize esse trabalho e o incorpore em seu projeto educativo.

A heterogeneidade sociocultural dos alunos brasileiros, nas escolas dos



grandes centros do país, ou nas das pequenas vilas de pescadores no litoral, em suas específicas realidades, deve ser a mola propulsora dos trabalhos de Arte nas escolas de EJA. A experiência de vida e as tradições culturais do aluno são ricos materiais para a elaboração dos programas. O trabalho essencial do professor é entender a experiência dos alunos, com seus aspectos afetivos, desejos existenciais, hábitos de pensamento, costumes e valores, e atuar a partir dessa sua compreensão.

O campo é vastíssimo e não há fórmulas prontas e testadas; cada realidade necessita de uma ação, um movimento. No entanto, cabe ao professor respeitar, observar e encaminhar o fazer artístico, apoiando-se na pesquisa, na reflexão e na criatividade durante esse processo. Ele deve procurar desbravar o universo da comunidade, da cidade e da região em que se situa a escola, mas sem ficar restrito a ele – levando o aluno a conhecer, fazer e compreender outras formas estéticas e culturais.

Com frequência, o jovem ou o adulto têm interesse em ampliar seu repertório, seu conhecimento de arte, e seu fazer artístico – por vezes acreditando que são metas distantes, acima de sua capacidade. Ele precisa ter oportunidade de entrar em contato com a arte que desconhece, na maioria das vezes inacessível para seu padrão sociocultural. Uma prática artística sistemática, de cunho reflexivo, apreciativo e contextualizador pode se tornar uma forma de promover a cultura, a criação, o pensamento artístico e a sensibilidade estética, para que o aluno consiga elaborar e ampliar seu universo estético e artístico.

## **O saber do professor**

Ao elaborar e conduzir seu programa de Arte o professor precisa também considerar seu próprio saber artístico, estético e pedagógico. Este, em toda sua forma, será o elo de ligação entre o que o aluno irá saber e fazer e o que o professor pretende ensinar.

É fundamental para o aprendizado do aluno a maneira como o professor pensa, articula, age e enfrenta os desafios de seu próprio saber, e portanto sua inteligência criativa e afetiva. O universo do professor, revelado quando estabelece seu programa e quando interage com o aluno na sala de aula, seu modo de pensar os problemas e conteúdos do trabalho artístico devem estar a serviço desse processo de aprendizado, como elementos catalisadores, estimuladores da ação e do desenvolvimento do aluno, de acordo com sua idade e com o grupo social a que pertence. O professor não pode desconsiderar nenhum conhecimento, do mais simples e elementar ao mais complexo,

adquirido na sua experiência educacional e artística, como apreciador ou estudioso de arte, para se aproximar do universo cultural, cognitivo e afetivo do aluno.

O trabalho do professor que busca um aprendizado significativo para o seu aluno da EJA assemelha-se ao de um artista que cria e realiza sua obra, propondo algo simbolicamente representativo. Deve ser feito com a mesma dedicação e a mesma competência de um escultor ao talhar uma pedra de mármore, ou de um visitante de museu que aprecia uma representativa tela de um grande pintor. Precisa, enfim, encantar e produzir significados.

Para isso, o professor deve se considerar como elemento participante no processo criativo e reflexivo das aulas, produzindo transformação e aprendizado a ele também. O seu saber e a forma de trabalhar, criar, apreciar, contextualizar a arte devem, na dinâmica da relação aluno-professor, contribuir para o aprendizado significativo que o aluno deseja na sala de aula.

Em outras palavras, o professor não pode ensinar para alguém aquilo que, efetivamente, não gosta, não conhece ou não está disposto a entender, apreciar e experienciar. Pesquisar, testar, investigar diferentes formas de fazer, ver e entender a arte que o aluno faz e que os produtores de arte fazem e fizeram é a postura desejável para um professor de Arte. É necessário pesquisar continuamente e estar motivado para ter experiências no fazer e no refletir sobre arte como objeto sócio-histórico, estudando sempre.

O professor deve evitar seguir métodos e fórmulas prontos, ou repetir mecanicamente experiências passadas, ao se relacionar com os alunos da EJA. Para que possa, efetivamente, se tornar o elo entre o saber do aluno e o que pretende desenvolver, o trabalho do professor de Arte deve ser único, singular, inaugurando uma nova forma de aprender e de se relacionar com o aluno e com a arte. Só assim poderá realmente fazer com que o aluno amplie seu repertório e se desenvolva na criativa manifestação humana que é a Arte.

## Temas transversais

A inclusão nas aulas de Arte de conteúdos que dizem respeito a ética, pluralidade cultural, meio ambiente, orientação sexual, saúde, trabalho e consumo amplia o rol de conteúdos específicos da área de conhecimento, relacionando-a a questões de cunho social, político e cultural que não podem ser deixadas de lado na educação do aluno da EJA.

As aulas de Arte oferecem um espaço privilegiado para tratar de tais questões, pois os trabalhos produzidos em distintas culturas trazem consigo temáticas diversificadas e aspectos característicos de diferentes relações sociais.

Os temas transversais podem ser abordados a partir de uma pintura que trate do meio ambiente, uma dança que trabalhe com as diferenças de gênero, uma música que aborde a temática da sexualidade e das relações amorosas, e assim por diante. Ou seja, ao apreciar tais trabalhos em função de seu tema, pode-se também relacioná-los ao dia-a-dia do aluno e, com isso, problematizar situações, compreendendo atitudes e reelaborando critérios e posicionamentos em face do mundo em que se vive.

Conhecer mais os artistas, perguntando por que alguns são mais (ou menos) valorizados socialmente que outros, por que suas produções têm determinadas características etc., e trabalhar esses aspectos, ajuda a flexibilizar gostos e julgamentos a respeito de culturas e épocas, possibilitando o diálogo, a convivência e o trabalho com a diversidade.

Um quadro abstrato de arte contemporânea é “melhor, mais desenvolvido” do que uma pintura primitivista? O balé clássico é mais “adiantado” do que uma dança popular brasileira? Muitas vezes, essas manifestações são apresentadas e expostas numa mesma exposição ou festival de arte. Na verdade, são simplesmente produções artísticas diferentes e, portanto, merecem tratamento igual na escola, propiciando discussões sobre a diversidade cultural.

Trabalhar com os temas transversais permite lançar pontes entre os conteúdos específicos da arte e o viver social, entendendo e problematizando situações preconceituosas, estereotipadas, etnocêntricas e assumindo parcelas de responsabilidade na construção da cidadania. A proposta de trabalho com os temas transversais parte da idéia de inseri-los no fazer, no apreciar e no contextualizar arte em sala de aula. Por exemplo, um tema explorado por um artista pode ser aproveitado como ponto de partida para analisar e comparar diferentes leituras: como é retratada a mulher em várias épocas por diferentes pintores (abordando os temas transversais: orientação sexual e pluralidade cultural)? Práticas similares podem ser adotadas na dança, na música, no teatro e assim por diante.

A escolha dos temas transversais está relacionada com os conteúdos específicos de Arte e com as vivências sociopolíticas e socioculturais dos alunos. Pode-se pensar nos temas transversais também presentes na própria produção em sala de aula. As relações que se estabelecem entre os alunos na construção coletiva de um trabalho artístico, entre o professor e os alunos

na elaboração das propostas, entre alunos produtores e alunos “espectadores”, ou seja, as relações humanas que se estabelecem em sala de aula, no fazer e apreciar arte, podem ser abordadas sob o ponto de vista da ética (como estamos convivendo?), da estética e da pluralidade cultural (que juízos de valor tenho ao apreciar trabalhos diferentes?), da orientação sexual (questões de gênero e opção sexual estão sendo respeitadas?) e até mesmo da saúde (foram criados um ambiente e propostas saudáveis de produção artística?).

Dessa forma, os temas transversais tornam-se interlocutores entre a produção artística trabalhada em sala de aula e o mundo contemporâneo, e não somente “assuntos” isolados – tanto da vida dos alunos quanto do conhecimento específico em Arte.

## Avaliação

Os **registros** são ótimos meios para auxiliar na avaliação e na condução de processos e produções dos alunos, sejam eles corporais, sonoros, visuais, orais, ou escritos.

No decorrer do percurso educativo em Arte o registro apresenta duas funções:

- A primeira é da essência da própria arte, cujos códigos e signos específicos de cada uma das linguagens artísticas se concretizam em gravuras, pinturas, desenhos, esculturas, fotografias, vídeos, discos etc.
- A outra função do registro corresponde ao acompanhamento dos percursos educativos: as práticas do professor e as etapas que estão sendo ou foram percorridas pelos alunos. As práticas do professor são registros e reflexões sobre seu trabalho, tanto em momentos pessoais como na interlocução com colegas e com a equipe escolar. As etapas que estão sendo ou foram percorridas pelos alunos são acompanhadas pelo professor que, com sensibilidade e conhecimento, compartilha e troca idéias com os alunos, percebendo os momentos certos para intervir e redirecionar suas práticas pedagógicas.

Nos dois casos, o objetivo do registro é narrar e refletir sobre memórias de processos educativos, de forma escrita ou não, podendo assumir diferentes formas: protocolo, portfólio, gravação em áudio ou vídeo, diário, registro compartilhado etc. O aluno pode utilizar formas de registro equivalentes às do professor. Esse instrumento ajuda o aluno a desenvolver seu trabalho,

abrindo o diálogo com seu processo de aprendizagem, e serve também para o professor avaliar a produção.

O registro do aluno não é somente o que ele escreve: pode ser sonoro, corporal, visual ou verbal, e acontecer na apreciação coletiva ou individual, em momentos de produção (no caso das artes de performance) de atividades desenvolvidas.

Registrar pela escrita as observações sobre uma obra de arte, descrever o percurso artístico na criação de uma obra, relatar a visita a uma exposição, comentar um *show* ou a audição de um concerto, fazer a resenha de um filme, uma crítica sobre uma apresentação de teatro ou dança de colegas, executar uma pesquisa sobre um período da história da arte são exercícios de apreciação. Além de auxiliarem o jovem ou o adulto a adquirir fluência em sua expressão escrita, contribuem para organizar e sistematizar sua experiência estética.

Em um primeiro momento do contato com a produção artística, o aluno percebe, observa, ouve, sente o cheiro, ativa seus sentidos, para depois ir desvelando-a, gradativamente, com maior profundidade sensorial, descritiva, imaginativa, interpretativa, reflexiva, crítica e poética. Se todo esse processo for registrado no papel, em textos dissertativos ou poéticos, o aluno lançará mão de operações perceptivas, mentais, cognitivas e afetivas.

A avaliação se complementa refletindo e repensando a totalidade do processo educativo: trata-se de uma **reflexão sobre a ação**, para um novo reiniciar. Uma boa situação de avaliação caracteriza-se, para professores e alunos, como mais uma oportunidade de aprendizagem. É necessária uma reflexão cuidadosa do professor, em diálogo constante com suas ações, a fim de avaliar seus registros e a produção dos alunos.

Ao pensar o processo de avaliação em Arte, devem-se estabelecer critérios compartilhados por professor e alunos, para que possam juntos analisar o que foi aprendido, e como.

A avaliação serve como parâmetro para o trabalho do professor, definindo quais os caminhos a seguir e quais serão os próximos passos. Uma avaliação cuidadosa pode desencadear algumas questões e ajudar a direcionar os métodos e procedimentos adotados, a analisar a produção dos alunos, a registrar seu desenvolvimento, envolvimento e avanços e a verificar a adequação do tempo da atividade e os planejamentos.

## Bibliografia

### Educação e ensino de arte

- ABDALLA, M. de Fátima B.; ALMEIDA, M. Silvia M. & FERNANDES, Iveta M.B.A. "Conhecendo o professor de arte". In: *AESP*, n.º 2, ano 1, 1998, pp. 22-28.
- ALARCÃO, Isabel (org.). *Formação reflexiva de professores*. Porto, Editora Porto, 1996.
- BARBOSA, ANA MAE (org.). *Arte-educação: leitura no subsolo*. São Paulo, Cortez, 1997.
- \_\_\_\_\_. *John Dewey e o ensino da arte no Brasil*. São Paulo, Cortez, 2001.
- DEWEY, John. "Arte como experiência". In: *Os pensadores*, vol. 15. São Paulo, Abril Cultural, 1974.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia – Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Paz e Terra, 1997.
- FUSARI, Maria F. de Rezende & Ferraz, Maria Heloisa Corrêa de Toledo. "Arte no currículo escolar: para quê? Que arte e como conhecê-la nas aulas?". In: *Revista de Educação*, n.º 117. Publicação anual do Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo/Apeoesp, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Arte na educação escolar*. São Paulo, Cortez, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Metodologia do ensino da arte*. São Paulo, Cortez, 1993.
- HERNANDEZ, Fernando. "Repensar a função da escola". In: *Revista Pátio*, n.º 6, ano 2, ago.-out. 1998.
- \_\_\_\_\_. *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Porto Alegre, Artmed, 2000.
- IAVELBERG, Rosa. "Pedagogia da arte ou arte da pedagogia: um alerta para a recuperação das oficinas de percurso de criação pessoal no ensino da arte". In: *Revista Pátio*, n.º 1, ano 1, maio-jul. 1997.
- KOELLREUTTER, Hans Joachim. *Estética. À procura de um mundo sem vis-à-vis: reflexões estéticas em torno das artes oriental e ocidental*. São Paulo, Novas Metas, 1984.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. "Avaliação educacional escolar: para além do autoritarismo". In: *Tecnologia Educacional*, vol. 7, n.º, 61, nov.-dez. 1984.
- MACHADO, Regina. "O conto de tradição oral e a aprendizagem do professor". In: *Leitura, escola e sociedade*. Série Idéias, vol.13. FDE, São Paulo, 1992.
- \_\_\_\_\_. "Ensino e aprendizagem: apreciação". In: *Anais do X Congresso da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (Anpap)*, São Paulo, 1996.
- \_\_\_\_\_. "Para pintar o retrato de um pássaro". In: *A compreensão e o prazer da arte*. São Paulo, SESC, 1998.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental – 1ª a 4ª série*. Brasília, SEF, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental – 5ª a 8ª série*. Brasília, SEF, 1998.
- NÓVOA, António (org.). *Vidas de professores*. Porto, Editora Porto, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Os professores e a sua formação*. Lisboa, Publicações Dom Quixote/Instituto de Inovação Educacional, 1997.
- OLIVEIRA, Marta Kohl de. *Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem*. Trabalho apresentado à 22ª reunião anual da Anped. Caxambu, 1999.
- QUINTÁS, Alfonso Lopes. *Estética*. Rio de Janeiro, Vozes, 1992.
- RIOS, Therezinha A. *Ética e competência*. São Paulo, Cortez, 1997.
- SCHÖN, Donald. "Formar professores como profissionais reflexivos". In: NÓVOA, António. *Os professores e sua formação*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1992, pp. 77-91.
- ZABALA, Antoni (org.). *Como trabalhar os conteúdos procedimentais em aula*. Porto Alegre, Artmed, 1999.



## Artes visuais

- BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte*. São Paulo, Perspectiva/Iochpe, 1991.
- \_\_\_\_\_. & SALES, Heloisa Margarido (org.). *O ensino da arte e sua história*. Simpósio Internacional sobre o Ensino da Arte e sua História. São Paulo, MAC/USP, 1990.
- BOSI, Alfredo. *Reflexões sobre a arte*. São Paulo, Ática, 1986.
- FUSARI, Maria F. de R. & FERRAZ, Maria H.C. de T. *Arte na educação escolar*. São Paulo, Cortez, 1993.
- IABELBERG, Rosa. *Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores*. Porto Alegre, Artmed, 2002.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Educação para Jovens e Adultos: Ensino Fundamental – Proposta curricular para o Primeiro Segmento*. São Paulo/Brasília, Ação Educativa/MEC, 1999.
- OLIVIERI, Telma Luzia Pegorelli. *Educação artística para alunos trabalhadores: por que não?* Dissertação de mestrado. São Carlos, UFSC, 1995.
- OSTROWER, Fayga. *Universos da arte*. Rio de Janeiro, Campus, 1983.
- PENTEADO, Cléa. *A arte e a educação na escola – Os caminhos da apreciação estética de jovens e adultos*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre, UFRGS, 2001.
- PILLAR, Analice Dutra (org.). *A educação do olhar no ensino das artes*. Porto Alegre, Mediação, 1999.
- PINTO, Ângela D. de S. *Novos olhares, novas experiências: o fazer artístico e a educação de adultos*. Dissertação de mestrado. São Paulo, PUC, 1998.

## Cultura popular

- ARANTES, Antônio Augusto. *O que é cultura popular*. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- AYALA, Marcos & AYALA Maria I. *Cultura popular no Brasil*. São Paulo, Ática, 1987.

## Dança

- BABIN, P. & KOULOUMDJIAN, M.F. *Os novos modos de compreender*. São Paulo, Paulinas, 1989.
- LABAN, Rudolf. *Domínio do movimento*. São Paulo, Summus, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Dança educativa moderna*. São Paulo, Ícone, 1991.
- MARQUES, Isabel A. “Didática para o ensino de dança: do imaginário ao pedagógico”. In: *Educação e Sociedade*, 15(48). Campinas, Cedes/Papirus, 1994.
- \_\_\_\_\_. “Dançando na escola”. In: *Motriz*, 3(1):20-28, 1997.
- \_\_\_\_\_. “Parâmetros Curriculares Nacionais e a dança: trabalhando com temas transversais”. In: *Ensino de Arte*, n.º 2, ano 1. Campinas, Associação de Arte Educadores do Estado de São Paulo, 1998, pp.11-21.
- \_\_\_\_\_. *Ensino de dança hoje*. São Paulo, Cortez, 1999.

## Música

- ANDRADE, M.R. Moraes. *Introdução à estética musical*. São Paulo, Hucitec, 1995.
- ANDRADE, Elaine N. (org.). *Rap e educação – Rap é educação*. São Paulo, Summus, 1999.
- GAINZA, V.H. *La improvisación musical*. Buenos Aires, Ricordi, 1983.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Parâmetros em Ação. Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental*, vol. 2, pp. 137-141. Brasília, SEF, 1999.
- MORAES, J.J. *Música da modernidade: origens da música de nosso tempo*. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- \_\_\_\_\_. *O que é música*. São Paulo, Nova Cultural, 1996.
- PENNA, Maura. *Reavaliações e buscas em musicalização*. São Paulo, Loyola, 1990.
- SCHAFER, R. Murray. *O ouvido pensante*. São Paulo, Unesp, 1986.
- TINHORÃO, José Ramos. *Pequena história da música popular*. São Paulo, Art Editora, 1991.
- TREIN, P. *A linguagem musical*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1986.
- VIVANCO, P. *Exploremos el sonido*. Buenos Aires, Ricordi, 1986.

WISNIK, José Miguel. *O som e o sentido: uma outra história das músicas*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

## Teatro

KOUDELA, Ingrid Dormien. *Jogos teatrais*. São Paulo, Perspectiva, 1984.

\_\_\_\_\_. *Brecht: um jogo de aprendizagem*. São Paulo, Perspectiva/Edusp, 1991.

\_\_\_\_\_. *Um vôo brechtiano*. São Paulo, Perspectiva, 1992.

\_\_\_\_\_. *Texto do jogo*. São Paulo, Perspectiva/Fapesp, 1996.

KUSNET, Eugênio. *Iniciação à arte dramática*. São Paulo, Brasiliense, 1968.

REVERBEL, Olga. *Teatro – Uma síntese em atos e cenas*. Porto Alegre, L&PM, 1987.

RUBINI, Jean Jacques. *A linguagem da encenação teatral: 1880-1980*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1982.

SPOLIN, Viola. *Improvisação para o teatro*. São Paulo, Perspectiva, 1979.

STANISLAVSKY, Konstantin S. *A construção da personagem*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1983.

\_\_\_\_\_. *A criação de um papel*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1984.

\_\_\_\_\_. *Minha vida na arte*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1989.

## Sites na internet

### Geral

[www.unesco.org.br](http://www.unesco.org.br) Ações de grande abrangência com o MEC relativas a ciência e educação.

[www.itaucultural.org.br](http://www.itaucultural.org.br) Itaú Cultural: criação, produção e divulgação de produtos e programações; mapeamento de produções, renovação, preservação e disseminação da arte brasileira: artes visuais, cinema e vídeo, literatura, música, artes cênicas, mídias interativas, dança, *design*; banco de dados da arte brasileira.

[www.aaespg.com.br](http://www.aaespg.com.br) Associação de Arte Educadores do Estado de São Paulo.

[www.acaoeducativa.org](http://www.acaoeducativa.org) Ação Educativa: ONG que desenvolve um trabalho de produção de informação e conhecimento na área de Educação de Jovens e Adultos.

### MEC/Minc

[www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br) Ministério da Educação.

[www.minc.gov.br](http://www.minc.gov.br) Ministério da Cultura.

[www.mec.gov.br/sef/jovem](http://www.mec.gov.br/sef/jovem) Educação de Jovens e Adultos/MEC.

[www.mec.gov.br/seed/tvescola](http://www.mec.gov.br/seed/tvescola) Secretaria de Educação a Distância/MEC.

### Artes visuais

[www.artcyclopedia.com/index.html](http://www.artcyclopedia.com/index.html) Artcyclopédia: *links* com museus americanos.

[www.unicamp.br/chaa](http://www.unicamp.br/chaa) Centro de História da Arte e Arqueologia do Departamento de Arte e Arqueologia da Unicamp.

[www.artenaescola.org.br](http://www.artenaescola.org.br) Dirigido ao professor de Arte, é composto por diferenciados setores: videoteca, sala de aula, jornal, livros, pesquisa e roteiro cultural.

[www.itaucultural.org.br/enciclopedia](http://www.itaucultural.org.br/enciclopedia) Enciclopédia de artes visuais: banco de dados sobre arte visual no Brasil, do Instituto Itaú Cultural.

[www.getty.edu/art](http://www.getty.edu/art) Explore Art: banco de imagens de obras de artistas variados.

[historiadarte.urbanoide.net](http://historiadarte.urbanoide.net) Site brasileiro sobre história da arte, organizado por períodos históricos.

[www.uol.com.br/bienal](http://www.uol.com.br/bienal) 24ª Bienal de São Paulo: site oficial da edição de 98, traz material de apoio pedagógico para vinte obras. Dirigido ao trabalho do professor nas aulas de Arte.

## Dança

[www.caleidos.com.br](http://www.caleidos.com.br) Espaço que tem como proposta dialogar com as artes do corpo e da palavra, ligando arte, educação, pesquisa e sociedade.

[www.stagium.com.br](http://www.stagium.com.br) Site que apresenta projetos: dança a serviço da educação.

[www.artescoreograficas.hpg.com.br](http://www.artescoreograficas.hpg.com.br) Centro de Artes Coreográficas: grupo de estudos com o objetivo de pesquisar no campo da coreografia e da criação e produção de espetáculos.

[www.escolabolshoi.com.br](http://www.escolabolshoi.com.br) Escola de balé russa, com trabalho no Brasil, em Joinville.

[www.oficinaflamenca.com.br](http://www.oficinaflamenca.com.br) Cursos, notícias e outros assuntos relativos à dança flamenca.

[www.dancaecia.com.br](http://www.dancaecia.com.br) Site da revista *Dança & Cia*.

[www.conexaodanca.art.br](http://www.conexaodanca.art.br) Banco de dados, informações e publicações de pesquisa.

[www.odissi.com.br](http://www.odissi.com.br) Traz informações sobre dança clássica indiana.

[www.ivaldo-bertazzo.com.br](http://www.ivaldo-bertazzo.com.br) Espaço Ivaldo Bertazzo: escola de reeducação do movimento.

[www.grupoderua.com.br](http://www.grupoderua.com.br) Grupo de dança de Niterói, com informações a respeito de trabalho com jovens.

[www.cena11.com.br](http://www.cena11.com.br) Companhia de dança de Florianópolis.

[www.funcart.art.br](http://www.funcart.art.br) Fundação de Cultura Artística de Londrina.

[www.novadanca.com.br](http://www.novadanca.com.br) Site do Estúdio Nova Dança, que reúne profissionais que ensinam e criam dança em sintonia com nosso tempo.

[www.dalalachcar.com.br](http://www.dalalachcar.com.br) Balé Dalal Achcar, companhia do Rio de Janeiro.

[www.companyballet.com.br](http://www.companyballet.com.br) Escola de balé que apresenta vários *links* sobre a área.

[www.dancabrasil.com.br](http://www.dancabrasil.com.br) Informações sobre o que ocorre no universo da dança.

[www.ufba.br/~danca](http://www.ufba.br/~danca) Informações sobre cursos de dança da Universidade Federal da Bahia.

## Museus

[www.masp.art.br](http://www.masp.art.br) Museu de Arte de São Paulo.

[www.mac.usp.br](http://www.mac.usp.br) Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo.

[www.macnit.com.br](http://www.macnit.com.br) Museu de Arte Contemporânea de Niterói

[www.mam.org.br](http://www.mam.org.br) Museu de Arte Moderna.

[www.mam.rio.com.br](http://www.mam.rio.com.br) Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

[www.museusegall.com.br](http://www.museusegall.com.br) Museu Lasar Segall.

[www.uol.com.br/pinasp](http://www.uol.com.br/pinasp) Pinacoteca do Estado de São Paulo.

[www.casadeportinari.com.br](http://www.casadeportinari.com.br) Casa de Portinari.

[www.museuvirtual.com.br](http://www.museuvirtual.com.br) Museu Virtual.

[www.ciclope.com.br/map](http://www.ciclope.com.br/map) Museu de Arte da Pampulha

## Música

[www.ufu.br/abem](http://www.ufu.br/abem) Associação Brasileira de Educação Musical.

[www.musica.ufmg.br/anppom/opus](http://www.musica.ufmg.br/anppom/opus) Revista eletrônica da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música (Anppom).

[www.bn.br/musica](http://www.bn.br/musica) Fundação Biblioteca Nacional. Divisão de Música e Arquivo Sonoro.

[www.allegrobr.com](http://www.allegrobr.com) Guia *on-line* de música erudita com informações sobre a história da música e de compositores de todos os tempos.

[www.vivamusica.com.br](http://www.vivamusica.com.br) Agência de comunicação e notícias especializadas em música clássica do Brasil.

[www.uol.com.br/encmusica](http://www.uol.com.br/encmusica) Enciclopédia de Música Brasileira.

## Programas da TV Escola/MEC

### Artes visuais

#### *O mundo da arte*

Série com sete programas.

Iniciativas relacionadas à preservação e promoção de variadas formas de expressão artística no Brasil, como a pintura, a fotografia, o cinema e a arquitetura.

Realização: TV Senac, Brasil.

Áreas afins: Ciências, Geografia, História, Língua Portuguesa.

#### *O desafio: um tributo à arte moderna*

A arte moderna: sua história, características e principais representantes. Apresentada pelo diretor de cinema norte-americano Orson Welles.

Realização: ATA Trading, Estados Unidos.

Áreas afins: História, Língua Portuguesa, Literatura.

#### *Irmã Wendy e a história da pintura*

Wendy Becket, freira estudiosa da arte, viaja por vários países, mostrando e analisando algumas das principais obras da pintura ocidental, os contextos históricos em que foram criadas, as peculiaridades de cada artista e suas intenções.

Série de dez programas.

Realização: BBC, Inglaterra.

Área afim: História.

### Culturas de tradição

#### *Carnaval: maracatus e caboclinhos*

A preservação de tradições carnavalescas de Pernambuco, investigadas nas origens de suas danças e festividades, como o caboclinho.

Realização: Fundação Joaquim Nabuco/MEC, Brasil, 1996.

Áreas afins: Arte, História.

#### *Ciclo natalino* (série Brincantes Nordestinos)

Manifestações de culturas de tradição, como o mamulengo e o bumba-meu-boi, realizadas em Pernambuco no período de 24 de dezembro a 6 de janeiro – o chamado ciclo natalino. Entre os temas destacam-se a influência ibérica e o papel dos brincantes e cantos populares.

Programa em duas partes.

Realização: Fundação Joaquim Nabuco/MEC, Brasil, 1996.

Áreas afins: Arte, História.

#### *Festa de Parintins*

O programa mostra o festival de cultura de tradição de Parintins (AM), expressão e manifestação da mistura entre as culturas portuguesas, indígena e africana. A cultura de tradição da região pode ser reconhecida no material utilizado para confeccionar as fantasias, na música e na rivalidade entre os dois bois-bumbá.

Realização: TV Amazonas, Brasil.

Áreas afins: Arte, Ética.

## Música

### *Explorando o mundo da música*

A manifestação da música e elementos estruturais: natureza do som (altura, amplitude, timbre, duração), função social e capacidade de transformação de sentimentos.

Realização: Annenberg, Estados Unidos.

Série de onze programas.

Áreas afins: Ciências, Geografia, História, Língua Portuguesa, Matemática, Música, Pluralidade Cultural.

### *História maravilhosa da música*

Viagem no tempo, com técnicas variadas de animação, para mostrar o desenvolvimento da música ocidental.

Programa em duas partes.

Realização: Filmforsningen, Dinamarca, 1989.

Áreas afins: História, Literatura, Música.

### *Todas as notas*

Aspectos da vida e do trabalho de alguns dos principais compositores da música clássica.

Série de seis programas.

Realização: Sound Venture Production, Canadá

Área afim: História.

## Teatro

### *Encontro marcado com a arte*

Entrevistas com personalidades do teatro, do jornalismo e da literatura contemporânea brasileira. Poetas e romancistas falam de seus livros, narram histórias de suas vidas e contam da escolha pela literatura.

Série de 52 programas.

Realização: Work Vídeo/IBM. Brasil, 1996.

Áreas afins: Arte, Língua Portuguesa, Pluralidade Cultural.

### *Nelson Rodrigues, personagem de si mesmo*

Reconstituição da trajetória do jornalista e dramaturgo Nelson Rodrigues, em raros depoimentos concedidos pelo próprio autor. Sua obra é caracterizada pela dramatização da vida cotidiana. A presença da família em sua obra, o início no jornal do pai, aos treze anos, e desenhos do irmão Roberto.

Realização: TV Cultura. Brasil, 1993.

Áreas afins: Arte, Língua Portuguesa

### *Theatro* (série Estação Ciência)

Depoimentos de diretores sobre o processo de construção de um espetáculo teatral. Os bastidores, os profissionais e as tecnologias do teatro moderno.

Realização: EMA Vídeo, Brasil, 1995.

Área afim: Língua Portuguesa.